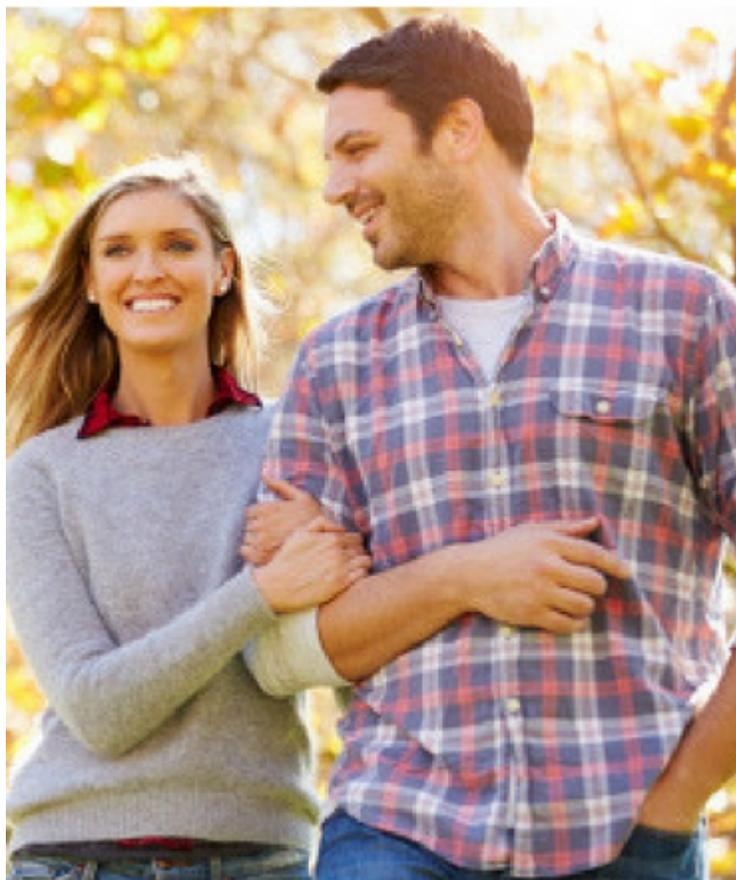


# AMOR HUMANO E VIDA CRISTÃ



Textos sobre o amor no namoro  
e no casamento

# AMOR HUMANO E VIDA CRISTÃ



Textos sobre o amor no namoro  
e no casamento

# AMOR HUMANO E VIDA CRISTÃ

Textos sobre o amor no namoro  
e no casamento.

© Gabinete de Informação do Opus Dei

[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)

## Índice

Apresentação

Namoro e vida cristã

O sentido do namoro: conhecer-se, conviver, respeitar-se

Enamoramento (I): o papel dos sentimentos e das paixões

Enamoramento (II): proteger o amor e mantê-lo jovem

Namoro e casamento: como acertar com a pessoa?

O mistério do matrimónio

O matrimónio: uma vocação e um caminho divino

Os primeiros anos de vida matrimonial

Ambiente de família, escola de amor

Construir o lar: um empreendimento vulgar que dá sentido ao trabalho

Trabalho e família: diretrizes para conciliar

Fortalecer o amor: o valor das dificuldades

Amor conjugal

A intimidade no matrimónio: felicidade para os esposos e abertura à vida (I)

A intimidade no matrimónio: felicidade para os esposos e abertura à vida (II)

Amor conjugal e vida de piedade

O bem dos filhos: a paternidade responsável (I)

O bem dos filhos: a paternidade responsável (II)

O matrimónio e o passar do tempo

## Apresentação

'O homem e a mulher são feitos “um para o outro”; não que Deus os tenha criado ‘a meias’ ou ‘incompletos’: criou-os para uma comunhão de pessoas, em que cada um pode ser ‘ajuda’ para o outro, porque são, ao mesmo tempo, iguais como pessoas (“osso dos meus ossos...”) e complementares enquanto masculino e feminino. No casamento, Deus une-os de maneira que formando “uma só carne” (Gn 2, 24), podem transmitir a vida humana: “Sede fecundos e multiplicai-vos e enchei a terra”(Gn 1, 28). Ao transmitir aos seus descendentes a vida humana, o homem e a mulher, como esposos e pais, cooperam de uma maneira única na obra do Criador (cf. GS 50, 1) (Catecismo da Igreja Católica, 372).

Neste ponto, o Catecismo recolhe alguns aspetos básicos da antropologia da criação, do chamamento original de Deus ao homem e à mulher para viver em comunhão. O matrimónio, desde o início, faz parte dessa vocação, que foi elevada por Jesus Cristo, para os batizados, à dignidade de sacramento.

No entanto, é um dado – e não só sociológico (vid. Francisco, ex. ap. *Amoris laetitia*, 32 ss) – que em todas as sociedades, nos últimos decénios, se obscureceu, também entre os cristãos, por múltiplas causas, o sentido natural do casamento e da sua preparação no namoro, com as consequentes sequelas: ruturas matrimoniais, traumas afetivos, desleixo na educação dos filhos, aumentos de casais em união de facto...

A Igreja não se cansa de voltar a propor a cada geração a alegria do amor que se há de viver nas famílias (cf. *Ibid.*, 1), pois a família foi colocada por Deus ao serviço da edificação do Reino dos céus na história, participando na vida e missão da Igreja (cf. S. João Paulo II, ex. ap. *Familiaris consortio*, 49). Esta participação faz da família cristã “como uma ‘Igreja em miniatura’ (*Ecclesia domestica*)”, )”,

porque a seu modo é imagem viva e representação do mistério da Igreja (ibid.). Daí também que os esposos cristãos estejam chamados a dar testemunho no mundo do seu compromisso com Deus e com o seu cônjuge.

Estes artigos – breves, essenciais – foram preparados por pessoas que há anos se dedicam a refletir sobre a família: mas sobretudo a viver a família, a fazer experiência de família. São textos, portanto, de marcado caráter prático, fundamentado na própria vivência, e escritos à luz do recente magistério e dos ensinamentos de S. Josemaria Escrivá, mestre de vida cristã.

É certo que cada família é única, tem algo de privado, de exclusivo, com as suas rotinas e costumes, com os seus afazeres que se configuram em pequenas tradições, certezas e seguranças: uma intimidade compartilhada que é suporte e raiz do crescimento pessoal dos que a formam.

É precisamente essa intimidade que constitui o núcleo do ser-uma-família, o que a capacita para projetar-se para fora, para dar-se. Pode dizer-se que quanto mais toma consciência de si, do que lhe é próprio, da sua especificidade, tanto maior é o seu potencial para sair de si mesma, estabelecer relações consistentes e influenciar socialmente com a sua ‘personalidade’.

Assim, a família é uma intimidade aberta a outras famílias e, definitivamente, aos outros. Por isso, o ser família é comunicável: mais ainda, comunica-se de muitos modos nas entranhas da sociedade. E deveria ser referência – infelizmente, muitas vezes esquecida – da ação política, no que tem a ver com a distribuição de recursos, com a educação em sentido integral, com a regulação do direito ao trabalho, etc.; e da ação apostólica das Igrejas locais, ao ser a família, ela própria, igreja doméstica.

A família constrói-se em torno do lar, o âmbito de reunião por excelência. A casa, em sentido imaterial, gera uma atmosfera de confiança e de perdão. Na medida em que somos acolhidos, chamados pelo nosso verdadeiro nome - o que Deus nos deu -, somos preparados para manifestar e compartilhar a nossa intimidade com os outros; tornados aptos, personalidades maduras, capazes de

entregar-nos e de receber com todas as suas consequências – o dom pessoal do outro.

Por isso, em casa nos encontramos connosco mesmos, e nos sentimos à vontade: é o lugar donde saímos e para onde podemos voltar sempre, porque não é lugar de reprovações nem censuras, porque somos amados com liberdade, como somos, porque nos anima a excelência, porque somos cuidados: é onde melhor se experimenta a unidade de alegria e beleza, resultado da concórdia entre os membros da família.

*José Manuel Martín Q. (ed.)*

## Namoro e vida cristã

Da mesma forma que o casamento é uma chamada à entrega incondicional, o namoro deve considerar-se um tempo de discernimento para que os namorados se conheçam e decidam dar o passo seguinte, entregar-se um ao outro para sempre.

É doutrina da Igreja o chamamento universal à santidade e nela se engloba toda a vida do homem[1]. Este chamamento não se limita a uma mera observância de uns preceitos, trata-se de seguir Cristo e parecer-se cada vez mais com Ele. Isto, que humanamente é impossível, pode realizar-se deixando-se conduzir pela graça de Deus.

### **Chamamento universal à santidade, também no namoro**

Nesta tarefa, não há *tempos mortos*; também o namoro é um ambiente propício para o crescimento da vida cristã. Viver cristãmente o namoro supõe deixar que Deus tenha lugar entre os namorados, e não como uma contrariedade, mas precisamente para dar sentido ao namoro e à vida de cada um. “Por conseguinte, fazei deste vosso tempo de preparação para o matrimónio um percurso de fé: redescobri para a vossa vida de casal a centralidade de Jesus Cristo e do caminhar na Igreja”[2].

Qual é o sinal certo que indica que se está a viver um namoro cristão? Quando esse amor ajuda cada um a estar mais perto de Deus, a amá-Lo mais. “Não tenhas dúvidas: o coração foi criado para amar. Metamos, pois, Nosso Senhor Jesus Cristo em todos os nossos amores. Senão, o coração vazio vingá-se, e enche-se das baixezas mais desprezíveis”[3].

Quanto mais e melhor se amem os namorados, mais e melhor amarão a Deus, e ao contrário. Desta maneira cumprem os dois

primeiros mandamentos do Decálogo: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”[4].

### **Aprender a Amar**

Convém que os namorados alimentem o seu amor com boa doutrina, que leiam algum livro sobre os aspetos decisivos da sua relação: o amor humano, o papel dos sentimentos, o casamento, etc. A Sagrada Escritura, os documentos do Magistério da Igreja e outros livros de divulgação são bons companheiros de caminho. É muito recomendável pedir conselho a pessoas de confiança, que possam orientar essas leituras, que vão formando a sua consciência e sugerirem temas de conversa que os ajudem a conhecer-se.

Além da formação intelectual, é importante que os namorados se entusiasmem pela beleza e desenvolvam a sensibilidade. Sem um adequado enriquecimento desta, é muito difícil ser pessoas delicadas na convivência. É uma boa ideia compartilhar o gosto pela boa literatura, a música, a pintura, a arte que eleva o homem, e a não cair no consumismo.

### **As virtudes humanas e o namoro**

Amar supõe dar-se ao outro, e aprender a amar com pequenas lutas.

O namoro, “como toda a escola de amor, deve ser inspirado não pela ânsia de posse, mas por espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza”[5].

Desenvolver as *virtudes humanas* torna-nos melhores pessoas, são o fundamento das virtudes sobrenaturais que nos ajudam a ser bons filhos de Deus e nos aproximam da santidade, da plenitude do homem. Numa época em que tanto se fala de "motivação" convém considerar que não há melhor motivação para crescer como pessoa, que o Amor a Deus e ao namorado ou à namorada.

A *generosidade* demonstra-se pela renúncia – em pequenos atos – àquilo que preferimos, para agradar ao outro. É uma grande demonstração de amor, ainda que, ele ou ela, não se dê conta. Os namorados devem estar *abertos* aos outros, desenvolver as amizades. “Gostaria de vos dizer antes de tudo que eviteis fechar-vos em relações intimistas, falsamente animadoras; fazei antes com que a vossa relação se torne fermento de uma presença ativa e responsável na comunidade”[6].

A dedicação aos amigos, aos necessitados, a participação na vida pública, em suma, lutar por ideais, permitem abrir a relação e fazê-la crescer. Os namorados estão chamados a fazer apostolado e a dar testemunho do seu amor.

A *modéstia* e a *delicadeza* no trato estão ligadas a um Amor (com maiúscula) que transcende o humano e se fundamenta no sobrenatural, tendo como modelo o amor de Cristo pela sua Esposa, que é a Igreja[7]. Para alcançar esse amor devem cuidar-se os sentidos e as manifestações afetivas impróprias do namoro, evitando situações que incomodem o outro ou possam ser ocasião de tentações ou de pecado. Se realmente se ama uma pessoa, faz-se todo o possível por respeitá-la, evitando fazê-la passar um mau momento, ou fazendo algo que vá contra a sua dignidade. O namoro supõe um compromisso que inclui ajudar a outra pessoa a ser melhor e uma relação com carácter exclusivo que há que cuidar e respeitar.

Não se deve esquecer o *bom humor* e a *confiança* na outra pessoa e na sua capacidade de melhorar. É bom crescer juntos no namoro, mas igualmente importante é que cada um cresça como pessoa; isso ajudará e enobrecerá o relacionamento.

A *sobriedade* permite apreciar as pequenas coisas e os pormenores. Demonstra mais amor uma dádiva, consequência de conhecer os pequenos desejos do outro, que uma grande despesa em algo que é óbvio. Une mais dar um passeio, do que ir juntos ao cinema por costume; visitar uma exposição gratuita do que ir às compras.

E dentro da sobriedade poderia enquadrar-se o *bom uso do tempo livre*. O ócio e o excesso de tempo livre é um mau fundamento para crescer em virtudes, leva ao aborrecimento e a deixar-se levar

pela corrente. Por isso, convém planejar o tempo que se passa juntos, onde, com quem e o que se vai fazer.

Os hábitos (virtudes) e costumes que se vivam e desenvolvam no namoro são a base sobre a qual se apoiará e crescerá o futuro casamento.

### **As armas dos namorados**

Na luta por alcançar a santidade, os namorados dispõem de estupendas ajudas.

Em primeiro lugar, há que situar os *Sacramentos*, meios através dos quais Deus concede a sua graça. São, portanto, imprescindíveis para viver cristãmente o namoro. Assistir juntos à Santa Missa ou fazer uma breve visita ao Santíssimo Sacramento supõe compartilhar o momento cume da vida do cristão. A experiência de muitos pares de namorados confirma que é algo que une profundamente. Se um dos dois tem menos prática religiosa, o namoro é uma oportunidade de descobrir juntos a beleza da fé, e este será certamente um ponto de união. Esta tarefa exigirá, em geral, paciência e bom exemplo, recorrendo desde o primeiro momento à ajuda da graça de Deus.

Através da *confissão* recebe-se o perdão dos pecados, a graça para continuar a lutar por alcançar a santidade. Sempre que seja possível, é conveniente recorrer ao mesmo confessor, alguém que nos conheça e nos ajude nas nossas circunstâncias concretas.

Se afirmamos que Deus é Pai e que a meta do cristão é parecer-se com Jesus, é natural ter um relacionamento pessoal com quem sabemos que nos ama. Por meio da *oração* os namorados alimentam a sua alma, fazem crescer os seus desejos de avançar na sua vida cristã, dão graças, pedem um pelo outro e pelos outros. É bonito que juntos pronunciem o nome de Deus, de Jesus ou de Maria, por exemplo rezando o *Terço* ou fazendo uma romaria à Virgem.

“São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do eros, não é o seu «envenenamento», mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza”[8]. Não podemos esquecer que a *mortificação* significa renunciar a algo por um motivo generoso, e que é parte principal na

luta ascética por ser santos. Às vezes será ceder na opinião, ou alterar um plano que apetece menos ao outro; ou não ir a lugares nem ver séries ou filmes, que podem fazer tropeçar no caminho para ser santos. No amor encontra-se o sentido da renúncia.

Viver o namoro com *sobriedade* e preparar dessa mesma maneira a cerimónia é uma base formidável para viver um casamento cristão. “Mas ao mesmo tempo, é bom que o vosso matrimónio seja sóbrio e permita salientar aquilo que é verdadeiramente importante. Algumas pessoas estão mais preocupadas com os sinais exteriores, com o banquete, com as fotografias, com as roupas e com as flores... Trata-se de elementos importantes numa festa, mas somente se forem capazes de indicar o motivo autêntico da vossa alegria: a bênção do Senhor sobre o vosso amor”[9].

O namoro não é uma pausa na vida cristã dos namorados, mas um tempo para crescer e partilhar os próprios desejos de santidade com aquela pessoa que, no matrimónio, porá o seu nome no nosso caminho para o Céu.

*Aníbal Cuevas*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium* (LG), 11, c. Desde 1928, S. Josemaria pregou a vocação universal à santidade na Igreja para todos os fiéis; *vid.*, p. ex., *Cristo que Passa*, n. 21.

[2] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-IX-2011.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 800.

[4] *Mt* 22,37-39.

[5] S. Josemaria, *Temas atuais do Cristianismo*, n. 105.

[6] Bento XVI, *Discurso*, Ancona, 11-IX-2011.

[7] Cfr. *Ef* 5, 21-33.

[8] Bento XVI, Enc. *Deus Caritas Est*, n. 5.

[9] Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014.



## O sentido do namoro: conhecer-se, conviver, respeitar-se

Para aqueles que foram chamados por Deus para a vida conjugal, a felicidade humana depende, em grande parte, da escolha da pessoa com quem irão compartilhar o resto da sua vida no matrimônio. Disto se deduz a importância que tem o discernimento sobre a pessoa apropriada: “A Igreja espera que entre um homem e uma mulher, exista primeiro o namoro, para que se conheçam mais e, portanto, se amem mais, e assim cheguem melhor preparados ao sacramento do matrimônio”[1].

### **Conhecer-se**

Assim, esta decisão está relacionada com dois critérios: *conhecimento e risco*; quanto maior o conhecimento menor é o risco. No namoro, o conhecimento é a informação sobre a outra pessoa. Neste artigo abordar-se-ão alguns elementos que facilitarão o conhecimento e o respeito mútuo entre os namorados.

Atualmente, em alguns ambientes, pode dar-se ao conceito “amor” um sentido incorreto, o que representa um perigo numa relação onde o fundamental é o compromisso e a entrega *até que a morte os separe*: “Por isso, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher; e os dois não serão senão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu”[2]. Por exemplo, se alguém quisesse fazer negócios com um sócio que não sabe o que é uma empresa, os dois estariam condenados ao fracasso. Com o namoro ocorre algo semelhante: é fundamental que ambos tenham a mesma ideia do amor, e que esse conceito se ajuste à verdade, isto é, ao que, realmente é o *amor*.

Hoje, muitos namorados fundamentam o namoro, e também o matrimônio, no *sentimentalismo*. Às vezes, há atitudes de

conveniência e falta de transparência, ou seja, “autoenganos” que acabam depois por aparecer na vida. Com o tempo, isso pode converter-se na causa de muitas ruturas matrimoniais. Os noivos devem querer alicerçar a sua relação sobre a rocha do amor autêntico, e não sobre a areia dos sentimentos que vão e voltam[3].

O conhecimento próprio é algo essencial para que a pessoa aprenda a distinguir quando uma manifestação afetiva passa a fronteira de um sentimento ordenado, e entra na esfera do sentimentalismo, talvez egoísta. Neste processo, é essencial a virtude da temperança que ajuda cada um a ser senhor de si mesmo, já que “visa impregnar de razão as paixões e os apetites da sensibilidade humana”[4].

Pode pensar-se no amor como um tripé que tem como pontos de apoio os afetos, a inteligência e a vontade. O amor é acompanhado por uma espécie de sentimento profundo. Se acreditamos que o afeto ainda não é suficientemente intenso nem profundo, e que vale a pena manter o namoro, será necessário interrogar-se sobre o que tenho que fazer para continuar a querer (inteligência), e para pôr em prática o que decidi (vontade). Logicamente, convém alimentar a inteligência com boa formação e doutrina, caso contrário, apoiar-se-á em argumentos que levam ao sentimentalismo.

## **Conviver**

O verdadeiro conhecimento dos outros consegue-se com a confiança recíproca. Isto mesmo tem que acontecer no namoro, que requer um relacionamento que chegue a temas profundos, relacionados com o caráter da outra pessoa: quais são as suas crenças e convicções, quais são os seus sonhos, quais são os seus valores familiares, qual é sua opinião sobre a educação dos filhos, etc.

As dificuldades de caráter são consequência do dano causado pelo pecado original na natureza humana; portanto, há que contar que todos temos momentos de mau-humor. Isso pode ser superado, contando principalmente com a graça de Deus e lutando por tornar a

vida mais agradável aos outros. No entanto, há que assegurar a capacidade para conviver com o modo de ser do outro.

O mesmo sucede com as convicções e as crenças. Veem-se como uma consequência da tradição, da educação recebida ou de modo racional. No entanto, é frequente não considerar a importância que têm, ou pensar que com o tempo passarão. Podem converter-se numa grande dificuldade e, em muitos casos, ser causa de problemas conjugais. É essencial compreender que o casamento é “de um com uma; (...) A medalha tem frente e verso; e no verso há dor, abstenções, sacrifícios, abnegação”[5].

Poderia parecer ingénuo pensar que o outro vai mudar as suas convicções e crenças ou que o cônjuge será o meio para mudar. Isto não exclui que as pessoas retifiquem e melhorem com o passar do tempo e com o esforço pessoal. No entanto, um critério que pode ser útil é o seguinte: se as convicções profundas não se ajustam ao modelo que tenho para o pai ou a mãe dos meus filhos, pode ser prudente cortar. Não o fazer a tempo é um engano que, com frequência, pode levar a um futuro casamento desfeito.

É necessário discernir o que no outro é uma opinião e o que é uma crença ou convicção. Poderíamos dizer que uma *opinião* é o que se diz, sem chegar a ter a categoria de convicção, mesmo que para a expressar se use a palavra “creio”. Por exemplo, se alguém diz “creio que o casamento é para sempre”, convém saber se é uma opinião ou uma crença. A opinião envolve exceções, uma crença não. A *crença* é um valor enraizado, uma convicção sobre a qual se pode apoiar um matrimónio.

Com frequência, já depois do casamento, acontece que um dos cônjuges se dá conta que estas questões tão vitais como estar de acordo sobre o número de filhos, a sua educação cristã, ou a forma de viver a sexualidade não foram tratadas a sério durante o namoro.

O namoro cristão é um tempo para se conhecer e para confirmar que a outra pessoa coincide no que é fundamental, de maneira que não será de estranhar que ao longo desta fase um dos namorados decida que o outro não é a pessoa certa para assumir a aventura de casamento.

A personalidade vai-se formando ao longo do tempo, pelo há que pedir ao outro um nível de maturidade adequado à sua idade. No entanto, há alguns parâmetros que podem ajudar a distinguir uma pessoa com possíveis características de imaturidade: costuma tomar as decisões com base no seu estado de ânimo, custa-lhe andar contracorrente, o seu humor é volúvel, é muito suscetível, costuma ser escravo ou escrava da opinião dos outros, tolera mal as frustrações e tende a culpar os outros pelos seus fracassos, tem reações caprichosas que não correspondem à sua idade, é impaciente, não sabe propor-se metas nem suportar que se adie a recompensa que espera, custa-lhe renunciar aos seus desejos imediatos, tende a ser o centro das atenções, etc.

### **Respeitar-se**

Como diz o Papa Francisco: “A família nasce dum desígnio de amor, que quer crescer como se constrói uma casa, e se torne um lugar de carinho, de ajuda, de esperança e de apoio”[6]. O namoro cresce como aspiração ao amor total a partir do respeito mútuo, que no fundo é o mesmo que tratar o outro como o que é: uma pessoa.

“O período do namoro, fundamental para construir o casal, é um tempo de expectativa e de preparação, que deve ser vivido na castidade dos gestos e das palavras. Isto permite amadurecer no amor, na solicitude e nas atenções ao outro; ajuda a exercer o domínio de si, a desenvolver o respeito pelo outro, características do verdadeiro amor, que não procura em primeiro lugar a própria satisfação nem o seu bem-estar”[7].

Este facto tem diversas consequências, cujo fundamento é a dignidade humana: não se pode pedir ao namorado ou à namorada aquilo que não pode ou não deve dar, caindo em chantagens sentimentais, por exemplo, em aspetos que se referem a manifestações afetivas ou de índole sexual, mais próprias da vida matrimonial do que da relação de namoro.

A relação mútua entre namorados cristãos deverá ser a que têm duas pessoas que se amam, mas que ainda não decidiram entregar-se totalmente ao outro no matrimónio. Por isso, terão que ser delicados,

elegantes e respeitosos, conscientes da sua condição de homem e de mulher, apagando as primeiras chispas da paixão que possam surgir, evitando pôr o outro em circunstâncias limite.

Em conclusão, podemos dizer que um namoro bem vivido, em que se conheça a fundo e se respeite a outra pessoa, será o meio mais adequado para ter um bom matrimónio, seguindo o conselho do Papa Francisco: “Viver juntos é uma arte, um caminho paciente, bonito e fascinante que possui regras que podem ser resumidas nas palavras: «com licença, ou seja, posso?», «obrigado», «desculpa, perdão»”[8].

*José María Contreras*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 31-X-1972.

[2] *Mc* 10, 7-9.

[3] Cfr. Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, 2337.

[5] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21-VI-1970.

[6] Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

[7] Bento XVI, Mensagem para a XXII Jornada Mundial da Juventude.

[8] Papa Francisco, Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio, 14-II-2014.

## Enamoramento (I): o papel dos sentimentos e das paixões

Os sentimentos são a forma mais habitual de experimentar a vida afetiva. E podemos defini-los da seguinte forma: *são estados de ânimo difusos, que têm sempre uma tonalidade positiva ou negativa e que nos aproximam ou nos afastam daquilo que temos diante de nós*. Tentarei explicar esta definição que proponho.

### **O que significa enamorar-se**

*Apaixonar-se é um sentimento positivo de atração que se produz para com outra pessoa e que faz com que seja procurada com perseverança*. Apaixonar-se é um facto universal e de grande importância, porque aí começa o amor, que, nada mais nada menos, dará lugar à constituição de uma família.

Se imaginássemos o enamoramento como uma certa "doença", deveríamos destacar dois tipos de *sintomas*. Uns sintomas *iniciais*, que são as suas primeiras manifestações.

Para uma pessoa se enamorar de outra é preciso que se produza uma série de condições prévias que são muito relevantes.

A primeira é a *admiração*, que pode dar-se de diversos modos: pela coerência da sua vida, pelo seu espírito de trabalho, pelas dificuldades que soube superar, pela sua capacidade de compreender, e assim por diante.

A segunda é a *atração*, que no homem é mais *física* e na mulher mais *psicológica*. Para o homem significa a tendência de a procurar, de se relacionar com ela de alguma forma, de estar com ela<sup>[1]</sup>. E isso vai levar a uma mudança de comportamento: *o pensar muito nessa pessoa*, ou dito de outro modo, *tê-la na cabeça*. O espaço mental vê-se invadido por essa figura que uma vez e outra dirige os pensamentos.

A seguir vêm duas características que me parecem especialmente interessantes. Primeiro *o tempo psicológico torna-se mais rápido*, o que significa que é tão agradável a sua presença que o tempo *voa*, tudo vai demasiado depressa: está-se a gosto com ele/ela e saboreia-se a sua presença. Mais tarde aparece *a necessidade de compartilhar...*, que desliza por uma rampa que termina *na necessidade de realizar um projeto de vida em comum*.

A sequência pode não ser sempre linear, ainda que vá surgindo aproximadamente deste modo, com as “nuances” que se queira. Tudo isso está presente de uma maneira ou de outra: *admiração, atração física e psicológica, ter a mente “aprisionada”, o tempo subjetivo é favorável e quer-se compartilhar tudo com aquela pessoa*.

Mas ainda não se revelaram no itinerário afetivo o que chamo os sintomas *essenciais do enamoramento*, aqueles que são raiz e fundamento de tudo o que virá depois, e que consiste em dizer a alguém: *não entendo a vida sem ti*, a minha vida não tem sentido sem que tu estejas a meu lado. *Tu és parte essencial do meu projeto de vida*. Em termos mais categóricos: *necessito de ti*. Essa pessoa torna-se imprescindível.

Apaixonar-se é a forma mais sublime do amor natural. É criar uma “mitologia” privada com alguém. Descobrir que se encontrou a pessoa certa com quem caminhar em conjunto pela vida. É uma espécie de revelação súbita que ilumina toda a existência[2]. Trata-se de um encontro único entre um homem e uma mulher que se detêm um diante do outro. Nesse parar, emerge a ideia central: *compartilhar a vida, com tudo o que significa*.

## **Os três principais componentes do amor conjugal**

Pergunta o Papa Francisco: “*Mas o que entendemos por «amor»? Apenas um sentimento, uma condição psicofísica? Sem dúvida, se for assim, não será possível construir sobre ele algo de sólido. Ao contrário, se o amor for uma relação, então será uma realidade que cresce, e como exemplo até podemos dizer que se constrói como uma*

*casa. E a casa constrói-se, juntos, não sozinhos!... construir sobre a rocha do amor autêntico, do amor que provém de Deus*”[3].

Um dos erros mais frequentes sobre o amor, consiste em pensar que este é essencialmente um *sentimento* e que esta é a dimensão fundamental do mesmo. Diz-se também que os sentimentos vão e vêm, movem-se, oscilam, estão sujeitos a muitas mutações ao longo da vida. Esta sentença conceptual percorreu quase todo o século XX.

*“A passagem do enamoramento ao noivado e, depois, ao casamento requer várias decisões, experiências interiores. (...) Ou seja: o enamoramento deve tornar-se verdadeiro amor, envolvendo a vontade e a razão num caminho – o caminho do noivado – de purificação, de maior profundidade, de tal modo que realmente o homem inteiro, com todas as suas capacidades, com o discernimento da razão, a força da vontade, possa dizer: «Sim, esta é a minha vida»*”[4].

Ninguém põe em dúvida que o amor nasce de um sentimento, que é enamorar-se e experimentar uma vivência positiva que convida a ir atrás daquela pessoa. Mas, para concretizar mais os factos que quero esmiuçar, vou às normas do Ritual Romano do Casamento[5] em que são feitas três perguntas de enorme importância:

- *É de vossa livre vontade... que pretendeis celebrar o vosso Matrimónio?*

- *Estais decididos a...?*

- *Estais dispostos a...?*

Vou deter-me nestas três questões, porque aí reside o *verdadeiro tríptico do amor*, que é o fim e o ponto alto do namoro. Cada uma delas leva-nos numa direção bem precisa. Vejamo-lo.

A primeira pergunta, usa a expressão *livre vontade*. E há que dizer que *querer é essencialmente um ato da vontade*. Por outras palavras: no amor maduro a vontade põe-se em primeiro plano, e não é outra coisa que a *determinação de trabalhar o amor pretendido*. A vontade atua como um estilete que visa corrigir, polir, limar e cortar as arestas e as partes negativas da conduta, especialmente aquelas que afetam uma sã convivência. Vai ao concreto[6].

Por isso, a vontade deve representar um papel principal, sabendo além disso fazê-la atuar com alegria[7]. Isto bem o sabem os casais com muitos anos de vida em comum, com uma relação estável e positiva.

A segunda pergunta utiliza a expressão: *Estais decididos?* A palavra *decisão* refere-se a um exame, que não é outra coisa que um *ato da inteligência*. A inteligência deve agir *antes e durante*. Em primeiro lugar, sabendo escolher a pessoa mais adequada. O exame deve ser capaz de discernir se essa é a melhor das pessoas que conheceu, e a mais adequada para partilhar com ela toda a vida[8]. É a sutileza de ter os cinco sentidos bem despertos. Por isso, *inteligência* é saber distinguir o acessório do fundamental; é capacidade de síntese. Inteligência é saber captar a realidade na sua complexidade e nas suas conexões. E deve atuar também *a posteriori*, utilizando as ferramentas da razão para acompanhar com arte e habilidade a outra pessoa. O *saber levar* está repleto do que atualmente se chama *inteligência emocional*, que é a qualidade para conjugar, ajustar e unir a inteligência e a afetividade[9]: capacidade imprescindível para estabelecer uma convivência harmoniosa, equilibrada e, em última análise, feliz.

O terceiro ingrediente do amor do *casal*, embora o tenhamos mencionado no princípio, são os sentimentos. A pergunta seguinte feita no Ritual do casamento é: *Estais dispostos?* A disposição é um estado de espírito mediante o qual nos *dispomos* para fazer algo. Em sentido estrito isto depende da afetividade, que está formada por um conjunto de fenómenos de natureza subjetiva, que movem a conduta. E já se comentou, expressam-se de forma habitual através dos *sentimentos*[10].

O que significa isto e quais são as características que aqui devem ocorrer? As pessoas, homem e mulher, devem casar-se quando estiverem *profunda e mutuamente enamorados*. Não se trata de sentir-se atraídos sem mais, ou que lhes agrade ou lhes chame a atenção. Tem que ser muito mais do que isso. Porquê? Porque se trata da *opção fundamental*. Não há outra decisão tão importante e que marque tanto a existência. Trata-se, nada mais nada menos, da pessoa que vai percorrer o itinerário biográfico ao nosso lado.

Viram-se muitos fracassos em pessoas que se casaram sem estar verdadeiramente enamorados, porque namoravam há vários anos, ou “porque chegou a hora de se casar”, ou porque muitos dos amigos mais próximos já estavam casados, ou para não ficar solteiro ou solteira. E assim poderíamos dar outras respostas inadequadas, se o matrimónio começar já com umas premissas pouco sólidas..., amores que nascem mais ou menos com materiais provenientes de destroços, mais cedo ou mais tarde, têm um mau prognóstico.

*O amor conjugal deve estar estruturado com estas três notas: sentimento, vontade e inteligência.* Tríptico forte, consistente. Cada um com o seu próprio espaço, que por sua vez se entrelaça na geografia do outro. “É uma aliança pela qual um homem e uma mulher constituem entre si uma comunhão de vida, ordenada ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole”[11]. Deste modo se pretende alcançar uma *íntima comunidade de vida e amor*, pois se trata de um *vínculo sagrado*, que não pode depender do arbítrio humano[12], porque está enraizado no sentido sobrenatural da vida, tendo Deus como seu principal artífice.

*Enrique Rojas*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Há duas formas de atração: a *beleza exterior*, por um lado, e a *beleza interior* por outro. A primeira refere-se a uma certa harmonia que se reflete principalmente no rosto e em tudo o que ele representa; todo o corpo depende do rosto, ele é programático, anuncia a vida que a pessoa leva dentro. Depois está o corpo como um todo. Ambos os aspetos formam um binómio. O segundo, a *beleza interior*, há que descobri-la ao conhecer o outro, e consiste em ir adivinhando as qualidades que tem e que estão submersas, escondidas na sua cave e que é necessário ir captando gradualmente: sinceridade, exemplaridade, valores humanos sólidos, sentido espiritual da vida, etc.

[2] S. João Paulo II expressou isto com uma grande riqueza de argumentos no seu livro *Amor e Responsabilidade*. O amor conjugal é a opção fundamental, que implica a pessoa na sua totalidade.

[3] Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014.

[4] Bento XVI, Discurso no Parque de Bresso, Milão, na *Festa dos testemunhos*, 2-VI- 2012.

[5] Cf. *Celebração do Matrimónio*, 3<sup>a</sup> ed., 1993, n. 60.

[6] É preciso saber distinguir, neste contexto, entre *metas* e *objetivos*. Ambos são conceitos que se assemelham, mas entre os dois há diferenças nítidas. As *metas* costumam ser gerais e amplas, enquanto os *objetivos* são mensuráveis. Por exemplo, numa relação matrimonial com dificuldades, a *meta* seria resolver as divergências mais ou menos imediatamente, o que realmente não costuma ser fácil de conseguir. Os *objetivos*, como veremos depois, são mais concretos: aprender a perdoar (e a esquecer) as recordações negativas, colocar as prioridades no outro, nas coisas de todos os dias, não guardar a lista de críticas do passado, etc. Quando se procura melhorar a vida matrimonial, é crucial ter objetivos bem definidos e procurar cumpri-los.

[7] O fim de uma educação adequada é a alegria. Educar é converter alguém em pessoa. Educar é cativar com valores que não passam de moda, e cujo resultado final é favorecer a alegria.

[8] D. Quixote, num momento determinado, diz uma máxima perfeita: “Aquele que acerta no casamento, já não lhe fica mais nada em que acertar”.

[9] Daniel Goleman foi o criador deste conceito. Remetemos aqui para seu livro *A Inteligência Emocional*. Hoje é um tema muito atual na psicologia moderna.

[10] Há quatro formas de viver a afetividade: *sentimentos*, *emoções*, *paixões* e *motivações*. Cada uma oferece uma perspetiva diferente. Os *sentimentos* constituem a vida suprema da afetividade, o modo mais comum de a viver. As *emoções* são estados mais breves e intensos, que além disso, são acompanhadas de manifestações somáticas (alegria transbordante, choro, aperto gástrico, falta de ar, dor no peito, etc.). As *paixões* têm uma intensidade mais elevada e

tendem a obscurecer a compreensão ou a desfocar a ação da inteligência e os seus recursos. E, finalmente, as *motivações*, cuja palavra vem do latim *motus*: o que move, o que empurra a fazer algo. São o fim, e portanto também o motor do comportamento, a razão de se fazer isto e não aquilo. Entre as quatro existem estreitas relações.

[11] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1601 ss. Noutras páginas define-se o amor entre um homem e uma mulher como *humano, total, fiel e fecundo*. E se cada uma destas características se nos abrisse em leque, nos ofereceria toda a sua riqueza (vid. *ibid.*, 1612-1617).

[12] É importante saber proteger o amor. Evitar aventuras psicológicas que levem a conhecer outras pessoas e iniciar com elas uma certa relação, talvez no princípio de pouco relevo, mas na qual se pode chegar a dar uma paixão, *não desejada no princípio*, mas após a passagem de um determinado período de tempo, pode ser uma séria ameaça para o casamento. Cuidar da fidelidade nos seus pormenores mais pequenos é fundamental. E isto tem muito a ver com a *vontade*, por um lado, e em ter *uma vida espiritual forte*, por outro.

## Enamoramento (II): proteger o amor e mantê-lo jovem

O matrimônio, como previamente o namoro, “deve ser inspirado não pela ânsia de posse, mas por espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza”[1].

### **Alguns recursos para a falta de amor**

Amar não é suficiente, é preciso saber amar. Saber governar, dirigir e canalizar esse sentimento para atitudes diárias concretas que alcancem o objetivo último do amor: conseguir que o outro seja feliz, fazê-lo ditoso. Isto resume-se em cuidar que as escolhas que fizermos, enriqueçam, em cada dia, os momentos em que estivermos juntos. Para isso não basta, habitualmente, atuar com carinho: há que servir-se da experiência, avaliar com prudência as situações e atuar com inteligência.

Se cuidamos com esmero a relação, teremos muitas possibilidades de êxito, e que se concretizará no crescimento pessoal e no da própria relação entre os dois. “Não devemos deixar-nos dominar pela «cultura do provisório»! O medo do «para sempre» cura-se dia após dia, confiando-se ao Senhor Jesus numa vida que se torna um caminho espiritual quotidiano, feito de pequenos passos, de crescimento comum”[2].

Em qualquer caso, vamos deixar aqui algumas pinceladas sobre o que se poderá fazer se se chegasse a uma situação conjugal difícil. Mas antes convém recordar que não é o mesmo a *crise conjugal* séria e que se vem arrastando há algum tempo, que as *dificuldades conjugais*, que aparecem com frequência e sobre as quais é preciso ter ideias claras para ver como as superar.

a) *Aprender a perdoar*. O perdão é um grande ato de amor. E tem duas partes: perdoar, e depois esforçar-se por esquecer. Perdoar

e esquecer, é perdoar duas vezes. Só são capazes de o fazer as pessoas generosas, nobres de espírito, que sabem reconhecer os seus erros e querem corrigir-se[3].

b) *Não lembrar a lista de agravos do passado.* Impedir que venha à conversa o conjunto de desconsiderações, que tivéssemos ido acumulando ao longo dos anos, porque tem um efeito demolidor, muito destrutivo. Nos casais que se querem bem, esses factos estão fechados numa gaveta e nunca saem para fora. E nunca é nunca. A isso chama-se domínio de si mesmo, capacidade para fechar as feridas e deixá-las esquecidas. O domínio de si é imprescindível para a entrega total de si mesmo.

c) *Evitar discussões desnecessárias.* Um princípio central da elegância conjugal, própria do casamento, é este: não discutir. De uma grande discussão, raramente sai a verdade. Há mais de alívio e desejo de vencer o outro no debate, do que procurar o acordo entre as partes.

d) *Rezar juntos.* Partilhar sempre a fé e servir-se dela especialmente nos momentos difíceis ou depois de um desentendimento. Saber pôr Deus no centro do matrimónio, numa espécie de naturalidade sobrenatural, onde se mistura o divino e o humano[4].

e) *Não falar nunca de separação.* Esta é uma observação, que tem muito a ver com o convívio diário. Em situações negativas, em momentos difíceis, é preciso pôr todos os meios para que a palavra separação não apareça em nenhum momento. Nem como ameaça nem como chantagem. E menos ainda se um dos dois sabe que pode perder o autodomínio da sua pessoa e deixar escapar essa palavra.

f) *Depois de um dia ou momento mau, ou de uma vivência negativa e dolorosa, é preciso evitar os silêncios prolongados.* A psicologia moderna conhece bem o efeito muito negativo que provoca no casal, estar horas ou dias sem falar; essa atitude gera uma tensão emocional acumulada que convida a que cada uma das partes, privadamente, faça uma crítica do outro, com o conseqüente desgaste que isso significa.

Ter uma sexualidade sadia, positiva e cheia de cumplicidade no matrimónio. A sexualidade conjugal é de grande importância. O seu

descuido tem efeitos muito negativos. Há que dialogar e procurar pontos de acordo. A sexualidade é uma linguagem do amor comprometido. É a máxima doação. O ato conjugal deve consistir numa relação total, onde quatro grandes aspetos da pessoa se reúnem e formam uma bela sinfonia: deve ser um ato físico (genital), psicológico, espiritual e biográfico. Tudo em conjunto e em simultâneo.

h) *Aprender competências na comunicação interpessoal*. Isto requer um cuidado diário. São lições que se aprendem gradualmente. São estratégias simples, mas de grande eficácia: deixar falar o outro e ouvi-lo com atenção; não o desqualificar logo, se tiver opiniões diferentes das próprias; procurar modos respeitosos para falar, para pedir qualquer coisa e, em geral, para se dirigir ao outro; evitar gestos depreciativos, crítica agressiva ou frases ofensivas. Numa palavra, fomentar um clima psicológico de certa serenidade, evitando atitudes radicais ou enraivecidas, fomentando as boas maneiras, com elegância e educação.

Ou seja, deve-se procurar pôr em prática todo um conjunto de condutas positivas e equilibradas, que é preciso trabalhar – pessoalmente e em casal – e aprender com paciência e bom humor.

*Enrique Rojas*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, 105.

[2] Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014.

[3] Sobre este importante aspeto do convívio familiar, cfr. também, Papa Francisco, *Discurso aos noivos que se preparam para o matrimónio*, 14-II-2014: “Aprendamos a reconhecer os nossos erros e a pedir desculpa. Também assim cresce uma família cristã. «Desculpa, se hoje levantei a minha voz»; «desculpa, se passei sem cumprimentar»; «desculpa, se cheguei atrasado», «desculpa, se esta semana estive tão silencioso», «desculpa, se falei demais, sem nunca

escutar»; «desculpa, se me esqueci»; «desculpa, se eu estava com raiva e te tratei mal» ... Todos nós sabemos que não existe uma família perfeita, ou um marido perfeito, ou uma esposa perfeita”.

[4] Para o tema que estamos a tratar são especialmente interessantes duas homilias de S. Josemaria Escrivá: “Rumo à santidade”, em *Amigos de Deus*, cheia de sugestões para melhorar a vida interior pessoal, com conselhos bem ajustados ao homem de hoje; e, por outro lado, “O matrimónio, vocação cristã”, em *Cristo que passa*.

## Namoro e casamento: como acertar com a pessoa?

Uma das tarefas mais importantes do namoro é poder passar da paixão (a constatação de que alguém origina numa pessoa sentimentos únicos que o inclinam a abrir a intimidade, e que dão a todas as circunstâncias e eventos uma cor nova e diferente, isto é, um fenômeno tipicamente afetivo), para um amor mais efetivo e livre. Esta transição é possível através do aprofundamento do conhecimento mútuo e de um ato nítido de entrega de si por parte da vontade.

Nesta etapa é importante conhecer realmente o outro, e verificar a existência ou inexistência entre ambos de um entendimento básico para compartilhar um projeto comum de vida conjugal e familiar: “que vos ameis - aconselhava S. Josemaria -, que convivam, que se conheçam, que se respeitem mutuamente, como se cada um fosse um tesouro que pertence a outro”[1].

Ao mesmo tempo, não é suficiente conviver e conhecer o outro em si mesmo; também há que parar e analisar como é a inter-relação entre os dois. Convém pensar como é, e como atua, o outro *comigo*; como sou e como atuo *com ele*; e como é a própria relação em si mesma.

### **O namoro, uma escola de amor**

Na verdade, uma coisa é como uma pessoa é, outra como se manifesta na sua relação comigo (e vice-versa), e ainda outra distinta, como é a relação em si mesma, por exemplo, se se apoia excessivamente no sentimento e na dependência afetiva. Como afirma S. Josemaria: “O namoro deve ser uma ocasião para aprofundar o afeto e o conhecimento mútuo. E, como toda a escola

de amor, deve ser inspirado não pela ânsia de posse, mas por espírito de entrega, de compreensão, de respeito, de delicadeza"[2].

Aprofundar no conhecimento mútuo implica fazer-se algumas perguntas: qual o papel que desempenha - e que consequências traz consigo - a atração física; que dedicação mútua existe (tanto frente a frente, como à distância através do mundo dos telemóveis, SMS, Whatsapp, Skype, Twitter, Instagram, Facebook, etc.); com quem e como se relacionam os dois como par, e como é que cada um se relaciona com a família e amigas ou amigos do outro; se existem suficientes âmbitos de independência na atuação pessoal de cada um (ou se, pelo contrário, faltam áreas de atuação conjunta); como programam o tempo de lazer; quais as razões de fundo que animam a continuar com a relação; como vai evoluindo e que efeitos reais produz em cada um; na relação que valor dá cada um à fé...

Há que ter em conta que, como afirma S. João Paulo II, “Muitos fenómenos negativos que hoje se lamentam na vida familiar derivam do facto que, nas situações novas, os jovens não só perdem de vista a justa hierarquia dos valores, mas, não possuindo critérios seguros de comportamento, não sabem como enfrentar e resolver as novas dificuldades. Contudo a experiência ensina que os jovens bem preparados para vida familiar, em geral, têm mais êxito do que os outros”[3].

Logicamente, importa também conhecer a situação real do outro em alguns aspetos que, diretamente, podem não fazer parte da relação de namoro: comportamento familiar, profissional e social; saúde e doenças relevantes; equilíbrio psíquico; disponibilidade e utilização de recursos económicos e previsão do futuro; capacidade de compromisso e lealdade perante as obrigações assumidas; serenidade e equanimidade na abordagem de questões ou situações difíceis, etc.

### **Companheiros de viagem**

É importante saber que tipo de caminho desejo percorrer com o meu *companheiro de viagem*, na sua fase inicial: o namoro. Comprovar que ambos alcançamos os pontos altos do caminho,

sabendo que seremos companheiros na peregrinação da vida. É conveniente passar por cada um dos pontos de referência. Para isso podemos fazer algumas perguntas concretas e práticas que se dirijam não tanto ao conhecimento do outro como pessoa, mas ao conhecimento do estado da própria relação do namoro em si mesma.

Quanto é que crescemos desde que começámos a namorar? Como nos teremos enriquecido ou empobrecido, na nossa maturidade pessoal humana e cristã? Há equilíbrio e proporção naquilo que ocupa a mente, o tempo e o coração? Existe um conhecimento cada vez mais profundo e uma confiança cada vez maior? Sabemos muito bem quais são os pontos fortes e débeis nossos e do outro? Procuramos ajudar-nos a conseguir o melhor de cada um? Sabemos ser ao mesmo tempo compreensivos - para respeitar o modo de ser de cada um e a sua particular velocidade de progressão nos esforços e lutas – e exigentes: para não nos deixarmos acomodar, pactuando com os defeitos de um e do outro? Valorizo mais o que é positivo na relação? A este respeito, o Papa Francisco afirma: “converter em algo normal o amor e não o ódio, converter em algo comum a ajuda mútua, não a indiferença ou a inimizade”[4].

No momento de expressar o amor e o carinho, temos como primeiro critério não tanto as manifestações afetivas, mas a busca do bem do outro, acima do bem próprio? Existe uma certa maturidade afetiva, pelo menos incipiente? Compartilhamos realmente valores fundamentais e existe compreensão mútua sobre o plano futuro do casamento e da família? Sabemos dialogar sem nos zangarmos quando as opiniões são diferentes ou aparecem as divergências? Somos capazes de distinguir o importante do insignificante e, portanto, cedemos quando se trata de pormenores sem importância? Reconhecemos os próprios erros quando o outro no-lo adverte? Damo-nos conta quando, em que coisas e como se mete o amor-próprio ou a suscetibilidade? Aprendemos a lidar bem com os defeitos do outro e procuramos ao mesmo tempo ajudá-lo na sua luta? Guardamos a exclusividade da relação e evitamos interferências afetivas dificilmente compatíveis com ela? Perguntamo-nos com frequência como melhorar a nossa convivência e como melhorar a própria relação? O modo de viver a nossa relação, está intimamente

relacionado com a nossa fé e as virtudes cristãs, em todos os seus aspetos? Valorizamos o facto de que o matrimónio é um sacramento, e compartilhamos a sua transcendência para a nossa vocação cristã?

### **Projeto de vida futura**

Os aspetos expostos, nomeadamente, o conhecimento do matrimónio - o que significa casar-se, e o que implica a vida conjugal e familiar derivada da celebração -; o conhecimento do outro, em si e sobre si mesmo; e o conhecimento de si mesmo e do outro na relação do namoro, podem ajudar cada um a descobrir a pessoa certa para a futura união matrimonial. Evidentemente, cada um dará maior ou menor relevância a um ou outro aspeto mas, em qualquer caso, fundamentar-se-á em alguns dados objetivos para a sua decisão: recordemos que não se trata de pensar “quanto te amo” ou “que bem nos sentimos”, mas de decidir sobre um projeto comum e muito íntimo para a vida futura. O Papa Francisco, ao falar da família de Nazaré dá uma nova perspectiva que serve de exemplo para a família, e que ajuda a definir o compromisso: “Os caminhos de Deus são misteriosos. Mas ali o importante era a família! E isto não constituía um desperdício”[5]. Não podemos fechar um contrato com cláusula de êxito no matrimónio, mas podemos meter-nos no mistério, como o de Nazaré, para construir uma comunidade de amor.

Assim, podem detetar-se carências ou possíveis dificuldades a tempo, e podem pôr-se os meios - sobretudo se parecerem importantes - para procurar resolvê-los antes do matrimónio: nunca se deve pensar que o casamento é uma “varinha mágica” que fará desaparecer os problemas. Por isso a sinceridade, a confiança e a comunicação no namoro podem realmente ajudar muito a decidir de modo adequado se convém ou não prosseguir aquela relação concreta com vista ao matrimónio.

Casar-se significa querer ser esposos, isto é, querer estabelecer uma comunidade conjugal com a sua natureza, propriedades e fins: “Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união”[6].

Este ato de vontade, envolve duas decisões: querer a união - a matrimonial -, que procede naturalmente do amor esponsal próprio da pessoa enquanto feminina e masculina, e desejar estabelecê-la com a pessoa concreta do outro contraente. O processo de eleição dá lugar a diversas fases: o encontro, a paixão, o namoro e a decisão de contrair matrimônio. “A preparação dos jovens para o matrimônio e para a vida familiar é necessária hoje mais do que nunca... A preparação para o matrimônio deve ver-se e atuar-se como um processo gradual e contínuo”[7].

*Juan Ignacio Bañares*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaria, *Apuntes tomados de una reunión familiar*, 11-2-1975.

[2] S. Josemaria, *Conversaciones*, n. 105.

[3] S. João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 66.

[4] Cfr. Papa Francisco, Audiência, *Nazaré*, 17-12-2014

[5] Cfr. Papa Francisco, Audiência, *Nazaré*, 17-12-2014

[6] Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et Spes*, n. 48

[7] S. João Paulo II, Exort. apost. *Familiaris Consortio*, n. 66.

## O mistério do matrimónio

O matrimónio é uma realidade *natural*, que corresponde ao modo de ser pessoa, homem ou mulher. Nesse sentido, a Igreja ensina que "O próprio Deus é o autor do matrimónio (GS 48, 1). A vocação para o matrimónio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador"[1].

### **A realidade humana do matrimónio**

No fundamental, não é uma criação cultural, já que apenas o matrimónio reflete plenamente a dignidade da união entre o homem e a mulher. As suas características não foram estabelecidas por nenhuma religião, sociedade, legislação ou autoridade humana; nem foram selecionadas para conformar diferentes *modelos* matrimoniais e familiares segundo as preferências do momento.

No plano de Deus, o matrimónio *fundamenta-se* na natureza humana e dela são reflexo as suas propriedades.

### **A relação especificamente matrimonial**

O matrimónio também não nasce de uma espécie de acordo entre duas pessoas que querem estar juntas mais ou menos estavelmente. Nasce de um *pacto conjugal*: do ato livre pelo qual uma mulher e um homem se entregam e se recebem mutuamente para constituírem um casal, fundamento e origem de uma família.

A *totalidade* da doação mútua é a chave daquilo em que consiste o matrimónio, porque dela derivam as suas qualidades essenciais e os seus próprios fins.

Por isso, é *entrega* irrevogável. Os cônjuges deixam de ser donos exclusivos de si mesmos nos aspetos conjugais, e passam a pertencer

cada um ao outro quanto a si mesmos. Um *deve-se* ao outro: não só *estão* casados, mas *são* esposos. A sua identidade pessoal ficou modificada pela relação com o outro, que os vincula "até que a morte os separe". Esta *unidade* dos dois, é a mais íntima que existe na terra. Já não está em seu poder deixar de ser marido ou mulher porque eles tornaram-se "uma só carne"[2]. "A indissolubilidade, antes de ser uma condição, é um dom que deve ser desejado, pedido e vivido, para além de qualquer mutável situação humana"[3].

Uma vez nascido, o vínculo entre os cônjuges já não depende da sua vontade, mas da sua natureza - em última análise de Deus Criador -, que *os uniu*. A sua liberdade já não se refere à possibilidade de *ser* ou *não ser* casados, mas a de procurar ou não viver de acordo com a verdade daquilo que são.

### **A "totalidade" natural da entrega propriamente matrimonial**

Na verdade, só uma entrega que seja dom total de si e aceitação também total, correspondem às exigências da dignidade da pessoa.

Esta totalidade só pode ser *exclusiva*: é impossível se se dá uma mudança simultânea ou alternativa no casal, enquanto viverem os dois cônjuges.

Também implica a entrega e a aceitação de cada um quanto ao seu futuro: a pessoa cresce no tempo, não se esgota num episódio. Só é possível entregar-se totalmente para sempre. Esta entrega total é uma afirmação da liberdade de ambos os cônjuges.

Totalidade significa, também, que cada um dos cônjuges entrega a sua pessoa e recebe a do outro, não de modo seletivo, mas em todas as suas dimensões com significado conjugal.

Concretamente, o matrimónio é a união do homem e da mulher baseada na diferença e complementaridade sexual, que - não por acaso - é o caminho natural da transmissão da vida (aspeto necessário para que se dê a *totalidade*). O matrimónio é potencialmente fecundo por natureza: este é o fundamento natural da família.

Entrega mútua, exclusiva, perpétua e fecunda, são as características próprias do amor entre homem e mulher na sua plenitude humana de significado.

A reflexão cristã chamou-as desde tempos antigos *propriedades essenciais* (unidade e indissolubilidade) e *fins* (o bem dos cônjuges e o dos filhos) não para impor arbitrariamente um *modelo de matrimónio*, mas para tentar expressar em profundidade a verdade "do princípio"[4].

### **A santidade do matrimónio**

A íntima comunidade de vida e de amor fundada sobre a aliança de um homem e uma mulher reflete a dignidade da pessoa humana e a sua vocação radical para o amor, e, como consequência, para a felicidade. O matrimónio, já na sua dimensão natural, tem um certo carácter *sagrado*. Por esta razão, a Igreja fala do *mistério* do matrimónio[5].

O próprio Deus na Sagrada Escritura, usa a imagem do matrimónio para Se dar a conhecer e expressar o Seu amor pelos homens[6]. A unidade dos dois, criados à imagem de Deus, tem de certo modo a semelhança divina, e ajuda-nos a vislumbrar o mistério do amor de Deus que escapa ao nosso conhecimento imediato[7].

Mas, o ser humano ficou profundamente afetado pelas feridas do pecado. E também o matrimónio ficou enfraquecido e perturbado[8]. Isto explica os erros, teóricos e práticos, que se dão sobre a sua verdade.

No entanto, a *verdade da criação* subsiste enraizada na natureza humana[9], de modo a que as pessoas de boa vontade se sintam inclinadas a *não se conformar* com uma versão degradada da união entre homem e mulher. O verdadeiro significado do amor - mesmo com as dificuldades que experimenta - permite a Deus, entre outros modos, dar-Se a conhecer e realizar gradualmente o seu plano de salvação, que culmina em Cristo.

### **O Matrimónio, redimido por Jesus Cristo**

Jesus ensina na sua pregação, de um modo novo e definitivo, a verdade originária do matrimónio[10]. A "dureza do coração", consequência da queda, incapacitava para *compreender totalmente* as exigências da entrega conjugal, e *considerá-las realizáveis*.

Mas, chegada *a plenitude dos tempos*, o Filho de Deus "revela a verdade originária do matrimónio, a verdade do «princípio» e, libertando o homem da dureza do seu coração, *torna-o capaz de a realizar inteiramente*"[11], porque "segundo Cristo, renunciando a si mesmos, tomando sobre si as suas cruzes, os cônjuges poderão «compreender» o significado original do matrimónio e vivê-lo com a ajuda de Cristo"[12].

### **O Matrimónio, sacramento da Nova Lei**

Ao constituir o matrimónio entre batizados em sacramento[13], Jesus leva a uma plenitude nova, sobrenatural, o seu significado na criação e sob a Antiga Lei, plenitude para a qual já estava ordenado interiormente[14].

O matrimónio sacramental converte-se em via por meio da qual os cônjuges recebem a ação santificadora de Cristo, não só individualmente como batizados, mas pela participação da *unidade dos dois* na Nova Aliança, através da qual Cristo se uniu a Igreja[15]. Assim, o Concílio Vaticano II chama-o "imagem e *participação* da aliança de amor entre Cristo e a Igreja"[16].

Isto significa, entre outras coisas, que a união dos cônjuges com Cristo não é *extrínseca* (ou seja, como se o matrimónio fosse mais uma circunstância da vida), mas *intrínseca*: dá-se através da eficácia sacramental, santificadora, da própria realidade matrimonial[17]. Deus vem ao encontro dos esposos, e permanece com eles como garante do seu amor conjugal e da eficácia da sua união, para tornar presente entre os homens o Seu Amor.

Portanto, o sacramento não é principalmente a celebração, mas o matrimónio, isto é, a "unidade dos dois", que é "sinal permanente" (pela sua unidade indissolúvel) da união de Cristo com a sua Igreja. Daí que a graça do sacramento acompanhe os cônjuges ao longo da sua existência[18].

Assim, "o conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual todos os componentes vêm da pessoa (...). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e consolida, mas eleva-as ao ponto de as tornar a expressão dos valores propriamente cristãos[19].

Muito cedo, a consideração deste pleno significado do matrimónio, à luz da fé e com as graças que o Senhor lhe concedia para compreender o valor da vida comum nos planos de Deus, levou S. Josemaria a entendê-lo como verdadeira e própria vocação cristã: "Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um grave erro, se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar"[20].

*Juan Ignacio Bañares*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Catecismo da Igreja Católica, n. 1603.

[2] *Mt* 19, 6.

[3] Bento XVI, Discurso no encontro com os namorados, Ancona, 11-IX-2011.

[4] Cfr. *Mt* 19, 4.8.

[5] Cfr. *Ef* 5, 22-23.

[6] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1602.

[7] Cfr. Bento XVI, *Deus Caritas Est*, n. 11.

[8] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1608.

[9] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1608.

[10] Cfr. *Mt* 19, 3-4.

[11] S. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.

[12] Catecismo da Igreja Católica, 1615.

[13] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 1617.

[14] Cfr. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.

[15] Cfr. *Ef* 5, 25-27.

[16] *Gaudium et Spes*, n. 48.

[17] Cfr. Catecismo da Igreja Católica, nn. 1638 ss.

[18] Cfr. S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 56.

[19] S. João Paulo II, *Familiaris Consortio*, n. 13.

[20] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 23.

## O matrimónio: uma vocação e um caminho divino

Deram a volta ao mundo umas palavras do Papa Francisco, no encontro com as famílias que teve lugar em Manila:

“Não é possível uma família sem sonhar. Quando numa família se perde a capacidade de sonhar, de amar, essa energia de sonhar perde-se, por isso lhes recomendo que à noite, quando façam o exame de consciência, também se façam esta pergunta: hoje sonhei com o futuro dos meus filhos, hoje sonhei com o amor do meu esposo ou esposa, sonhei com a história dos meus avós?”[1].

### Sonhar

Esta capacidade de sonhar tem a ver com a “ilusão” – no sentido castelhano do termo – que pomos nos nossos horizontes e esperanças, sobretudo na relação com as pessoas, ou seja, os bens ou êxitos que lhes desejamos, as esperanças que temos a seu respeito. A capacidade de sonhar equivale à capacidade de projetar o sentido da nossa vida naqueles que amamos. Por isso é, efetivamente, algo representativo de cada família.

Desde muito cedo, S. Josemaria contribuiu para recordar, no quadro dos ensinamentos da Igreja, que o matrimónio – germen da família – é, no pleno sentido da palavra, uma chamada específica à santidade dentro da comum vocação cristã: um caminho vocacional, diferente mas complementar ao do celibato – seja sacerdotal ou laical – ou para a vida religiosa. “O amor, que conduz ao matrimónio e à família, pode também ser um caminho divino, vocacional, maravilhoso, via para uma completa dedicação ao nosso Deus”[2].

Por outro lado, esta chamada de Deus no matrimónio não significa de modo algum diminuir os requisitos que supõe seguir Jesus. Pois, se “tudo contribui para o bem dos que amam a Deus”[3],

os esposos cristãos encontram na vida matrimonial e familiar a matéria da sua santificação pessoal, quer dizer, da sua pessoal identificação com Jesus Cristo: sacrifícios e alegrias, gozos e renúncias, o trabalho no lar e fora dele, são os elementos com que, à luz da fé, constroem o edifício da Igreja.

*Sonhar*, para um cristão, com a esposa ou com o esposo, é olhá-lo com os olhos de Deus. É contemplar, prolongado no tempo, a realização do projeto que o Senhor tem pensado e quer, para cada um, e para os dois na sua concreta relação matrimonial. É desejar que esses planos divinos se façam realidade na família, nos filhos – se Deus os manda – nos avós e nos amigos que a providência vá colocando para os acompanhar na viagem da vida. É, afinal, ver cada um o outro como o seu particular *caminho* para o Céu.

### **O segredo da família**

Com efeito, Cristo fez do matrimónio um caminho divino de santidade, para encontrar Deus no meio das ocupações diárias, da família e do trabalho, para situar a amizade, as alegrias e as penas – porque não há cristianismo sem Cruz – e as mil pequenas coisas do lar ao nível eterno do amor. Eis o segredo do matrimónio e da família. Assim se antecipa a contemplação e o gozo do céu, onde encontraremos a felicidade completa e definitiva.

No quadro desse “caminho divino” de amor matrimonial, S. Josemaria falava do significado cristão, profundo e belo, da relação conjugal: “Noutros sacramentos a matéria é o pão, é o vinho, é a água... Aqui são os vossos corpos. (...). Vejo o leito conjugal como um altar; está ali a matéria do sacramento”[4]. A expressão *altar* não deixa de ser surpreendente e ao, mesmo tempo, é consequência lógica de uma leitura profunda do matrimónio, que tem na *una caro*[5] – a união completa dos corpos humanos, criados à imagem e semelhança de Deus – o seu núcleo.

Nesta perspetiva se entende que os esposos cristãos expressem, na linguagem da corporalidade, o próprio do sacramento do matrimónio: com a sua entrega mútua, louvam a Deus e dão-Lhe glória, anunciam e atualizam o amor entre Cristo e a Igreja,

secundando a obra do Espírito Santo nos seus corações. E daí vem, para os esposos, para a sua família e para o mundo, uma corrente de graça, de força e de vida divina que tudo rejuvenesce.

Isto requer uma preparação e uma formação contínua, uma luta positiva e constante: “Os símbolos fortes do corpo – observa o Papa Francisco – têm as chaves da alma: não podemos tratar os laços da carne com ligeireza, sem abrir uma ferida duradoura no espírito”[6].

O vínculo que surge a partir do consentimento matrimonial fica selado e é enriquecido pelas relações íntimas entre os esposos. A graça de Deus que receberam desde o Baptismo, encontra um novo canal que não se justapõe ao amor humano, antes o assume. O sacramento do matrimónio não supõe um acrescento externo ao matrimónio natural; a graça sacramental específica informa os cônjuges a partir de dentro eajuda-os a viver a sua relação com exclusividade, fidelidade e fecundidade: “É importante que os esposos adquiram o sentido claro da dignidade da sua vocação, que saibam que foram chamados por Deus a chegar ao amor divino também através do amor humano; que foram eleitos, desde a eternidade, para cooperar com o poder criador de Deus na procriação e depois na educação dos filhos; que o Senhor lhes pede que façam, do seu lar e da sua vida familiar inteira, um testemunho de todas as virtudes cristãs”[7].

Os filhos são sempre o melhor “investimento”, e a família a “empresa” mais sólida, a maior e a mais fascinante aventura. Todos contribuem com o seu papel, mas a novela resultante é muito mais interessante do que a soma das histórias singulares, porque Deus atua e faz maravilhas.

Daí a importância de saber compreender – os esposos entre si e os filhos – de aprender a pedir desculpa, de amar – como ensinava S. Josemaria – todos os defeitos mútuos, sempre que não sejam ofensa a Deus[8]. “E, na vida dos cônjuges, quantas dificuldades se resolvem, se conservarmos um espaço para o sonho, se nos detivermos a pensar no cônjuge e sonharmos com a bondade, com as coisas boas que tem. Por isso, é muito importante recuperar o amor através do sonho de cada dia. Nunca deixeis de ser namorados!”[9].

Parafrazeando o Papa, poder-se-ia acrescentar: que os esposos nunca deixem de se sentar para compartilhar e recordar os momentos belos e as dificuldades que atravessaram juntos, para considerar as circunstâncias que provocaram êxitos ou fracassos, ou para recobrar um pouco de alento, ou para que os dois pensem na educação dos filhos.

## **Fundamento do futuro da humanidade**

A vida matrimonial e familiar não é instalar-se numa existência segura e cómoda, mas antes dedicar-se um ao outro e dedicar generosamente tempo aos restantes membros da família, começando pela educação dos filhos – o que inclui facilitar a aprendizagem das virtudes e a iniciação na vida cristã – para abrir-se continuamente aos amigos, a outras famílias e, especialmente, aos mais necessitados. Deste modo, mediante a coerência da fé vivida em família, se comunica a boa nova – o Evangelho – de que Cristo continua presente e nos convida a segui-lo.

Jesus revela-se aos filhos através do pai e da mãe, pois para ambos, cada filho é, antes de tudo, um filho de Deus, único e irrepetível, com quem Deus foi o primeiro a sonhar. Por isso, João Paulo II podia afirmar que “o futuro da humanidade se constrói na família”[\[10\]](#).

## **As famílias que não puderam ter filhos**

E qual seria o sentido que devem dar ao seu matrimónio os esposos cristãos que não tenham descendência? A esta pergunta, S. Josemaria respondia que, antes de mais, deveriam pedir a Deus que os abençoe com filhos, se for essa a Sua Vontade, como abençoou os Patriarcas do Antigo Testamento; e depois que recorram a um bom médico. “Se apesar de tudo, o Senhor não lhes dá filhos, não hão-de ver nisso nenhuma frustração: hão-de estar contentes, descobrindo nesse mesmo facto a Vontade de Deus para eles. Muitas vezes o Senhor não concede filhos porque pede mais. Pede que se tenha o mesmo esforço e a mesma delicada entrega, ajudando o próximo,

sem a alegria humana de ter tido filhos: não há, pois, motivo para se sentirem fracassados nem para dar lugar à tristeza”.

E acrescentava: "Se os esposos têm vida interior, compreenderão que Deus os urge, impulsionando-os a fazer da sua vida um serviço cristão generoso, um apostolado diverso do que realizariam nos seus filhos, mas igualmente maravilhoso. Que olhem à sua volta e descobrirão de imediato pessoas que necessitam de ajuda, caridade e carinho. Além disso, há muitos trabalhos apostólicos em que podem trabalhar. E se sabem pôr o coração nessa tarefa, se sabem dar-se generosamente aos outros, esquecendo-se de si próprios, terão uma fecundidade esplêndida, uma paternidade espiritual que encherá a sua alma de verdadeira paz"[11].

Em todo caso, S. Josemaria gostava de se referir às famílias dos primeiros cristãos: “Aquelas famílias que viveram de Cristo e que O deram a conhecer. Pequenas comunidades cristãs, que foram como centros de irradiação da mensagem evangélica. Lares iguais aos outros lares daqueles tempos, mas animados de um espírito novo, que contagiava quem os conhecia e os tratava. Isso foram os primeiros cristãos, e isso temos que ser os cristãos de hoje: semeadores de paz e de alegria, da paz e da alegria que Jesus nos trouxe”[12].

*R. Pellitero*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[2] Cfr. S. Josemaria, Homilia “Amar o mundo apaixonadamente”, em *Temas actuais do cristianismo*, n. 121; cfr. “O matrimónio, vocação cristã”, em *Amigos de Deus*.

[3] *Ro* 8, 28.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos tomados de uma reunião familiar* (1967), recolhido em *Diccionario de San Josemaria*, Burgos 2013, p. 490.

[5] Cf. *Gn* 2, 24; *Mc* 10, 8.

[6] Papa Francisco, *Audiência geral*, 27-05-2015.

[7] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 93.

[8] Cf. S. Josemaria, *Apontamentos tomados de uma reunião familiar*, 7-VII-1974.

[9] Papa Francisco, *Discurso no Encontro com as famílias*, Manila, Filipinas, 16-01-2015.

[10] S. João Paulo II, *Familiaris consortio*, n. 86.

[11] S. Josemaria, *Temas actuais do cristianismo*, n. 96.

[12] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 30.

## Os primeiros anos de vida matrimonial

A decisão está tomada. O período de verificação do amor, em que consiste o namoro, cumpriu a sua missão e permitiu exclamar: é ele! é ela! Durante esse tempo, os noivos ajudaram-se a adquirir as virtudes necessárias para conseguir a posterior comunhão matrimonial de vida e para a vida.

Não nos apaixonámos por um retrato robot pré-cozinhado na nossa imaginação. Se assim fosse, teríamos bloqueado a experiência do amor, pois o amor aparece sempre como uma revelação, como uma chamada inédita e imprevisível, por isso é maravilhoso. Há alguém real diante de nós e inaugura-se uma apaixonante tarefa: a descoberta gradual do outro pois amar é, de certo modo, desvelar e desvelar-se diante do amado ou da amada.

A tarefa de amar, que é uma liberalidade, é também uma arte que sugere um programa para a vida inteira. “Primeiro, que vos ameis muito (...) — recomendava S. Josemaría —. Depois, que não tenhais medo à vida; que ameis todos os defeitos mútuos que não são ofensa de Deus”. E mais adiante: “já te disseram e sabe-lo muito bem, que pertences ao teu marido, e ele a ti”. Nesse mesmo sentido aconselhava: “rezai um pouquinho juntos. Não muito, mas um pouquinho todos os dias. Nunca o acuses, não te zangues por ninharias, mortificando-o”[1].

Nos primeiros anos de matrimónio concorrem dois perfis psicológicos, duas biografias pessoais, duas culturas familiares, dois estilos que há que juntar. Não se trata de pedir ao outro que se anule para nós. “*Se o meu marido se anula, o que é que me fica para amar?*”[2]. Não vamos ao matrimónio para perder a nossa personalidade, mas para ganhar uma personalidade nova, a da nossa mulher ou do nosso marido.

## Educação sentimental para o amor

A educação sentimental nos primeiros meses e anos de vida em comum é de vital importância. Cada cônjuge, como qualquer pessoa, experimentará maior sintonia com aquelas maneiras de fazer (ordem, horários, sequências, rotinas familiares, vigências sociais, normas de educação, maneiras e modos de estar, disposição das coisas da casa, da mesa, do armário, etc.) próprias da sua família de origem, porque nelas educou os seus sentimentos. Poderá ter discordado em mil assuntos com os seus pais, mas os seus sentimentos foram modelados por essa biografia familiar prévia que já não pode apagar, e nesses hábitos e rotinas sentir-se-á mais à vontade.

A partir do momento em que nos casamos, temos que fazer *tábua rasa* dessas preferências não para as anular, insisto, mas para as pôr ao mesmo nível daquelas que a nossa mulher ou marido traga ao matrimónio. Tudo isso nasce de uma confiança mútua, reflexo da confiança que Deus pôs em cada um de nós.

Comentando o capítulo segundo do Génesis sobre a criação, o Papa Francisco ensina: “Assim era o homem, faltava-lhe algo para chegar à sua plenitude, faltava-lhe a reciprocidade”. A imagem da «costela» “não expressa em nenhum sentido inferioridade ou subordinação, mas, pelo contrário, que homem e mulher são da mesma substância e são complementares e que têm também essa reciprocidade. (...) Sugere também outra coisa: para encontrar a mulher — e podemos dizer para encontrar o amor na mulher — o homem tem primeiro que a sonhar e depois encontra-a.

A confiança de Deus no homem e na mulher, a quem confia a terra, é generosa, direta e plena. Confia neles. Mas é aqui que o maligno introduz na sua mente a suspeita, a incredulidade, a desconfiança. (...). Também nós, todos, o apercebemos dentro de nós muitas vezes. O pecado gera desconfiança e divisão entre o homem e a mulher”[3].

O *nós* em que consiste o matrimónio deve-se construir com as vivências pessoais de cada um dos dois, sem outorgar *a priori* maior valor às experiências de um ou do outro. Entre os dois temos de as ir contrastando e decidir os novos modos que constituirão o nosso

projeto comum e as nossas pequenas “tradições” familiares. É que o matrimônio não consiste em conviver com alguém que se some ao nosso próprio projeto pessoal, mas em elaborar juntamente com essa pessoa o que será o nosso único e irrepetível projeto matrimonial, que depois teremos que defender diante de todos, mesmo diante dos mais chegados.

Este posicionamento respeitoso diante da cultura familiar do nosso cônjuge será uma ajuda valiosa à hora de nos relacionarmos com a sua família. O convívio e o carinho que devemos à família da nossa mulher, ou do nosso marido, aquilatar-se-ão com o conhecimento delicado do seu estilo familiar, que teremos ido aprendendo e assimilando naquilo que seja procedente, na convivência diária.

Ao mesmo tempo, se somos capazes de desenvolver um estilo matrimonial e familiar próprio que tenha traços fortes e nítidos, identificáveis, a família de ambos os lados ver-se-á convidada a respeitar essa identidade familiar e matrimonial que soubemos gerar e transmitir. Pelo contrário, quando o nosso projeto vital seja difuso, os terceiros, tanto mais quanto mais nos amem, sentir-se-ão impelidos a proferir-nos — inclusive com indevidas, embora bem-intencionadas, intromissões — de um modelo a seguir.

Como a construção deste projeto comum, do *nós* de que falámos, está essencialmente integrada por renúncias e cedências mútuas, é muito provável que alguns costumes novos nos sejam alheios e nos custe ao princípio identificar-nos com eles. Não importa. Se há amor e equilíbrio, é questão de tempo. Assim nos aconteceu com tantos hábitos e práticas (de piedade, por exemplo) que nos eram estranhas ao descobri-las, e que com o tempo se integraram na nossa vida até fazer parte do nosso eu.

Nestes primeiros anos teremos também que definir o estilo de vida a respeito do uso do tempo de descanso e diversão, dos gastos; no trabalho, nos planos conjuntos, na dedicação a algum voluntariado ou trabalho social, na integração e acomodação da vida de piedade — tanto pessoal, como em família — e em muitos outros campos de atuação que irão surgindo.

## **Comunicação centrada no outro**

A comunicação na pessoa é omni-compreensiva. Comunicamos com tudo e a todo o momento, mas não deixa de ser uma técnica em que se pode melhorar. Não é este um lugar para muitos aprofundamentos, mas pode ser útil centrar o tema da comunicação matrimonial considerando os seus objetivos.

Quando a comunicação se dirige a uma meta íntima e definitiva (amar alguém para sempre), então o interesse centra-se no outro e a técnica encaminha-se para si próprio.

Quando a comunicação é dirigida a um propósito imediato e efémero (que alguém me compre um bem ou contrate um serviço, por exemplo), o interesse está centrado em mim, enquanto que a técnica utilizada se dirige a provocar uma mudança no outro (que me compre); quando a comunicação persegue um bem mais intenso e duradouro (uma boa relação de trabalho), o interesse está centrado na própria relação e a técnica orienta-se a ambos (eu cedo em algo sem grandes transformações pessoais, mas exijo que o outro também o faça); quando a comunicação se dirige a uma meta íntima e definitiva (amar alguém para sempre), então o interesse centra-se no outro e a técnica encaminha-se para si mesmo (eu quero mudar para te fazer feliz!).

Poderia, pois, afirmar-se que na mesma medida em que me centro em mim, exigirei ao outro que mude e se adapte aos meus desejos; pelo contrário, se me centro no outro, procurarei mudar eu e adaptar-me a ele.

Esta é a maneira de ver adequada: “diante de qualquer dificuldade na vida de relação todos deveriam saber que existe uma única pessoa sobre a qual é preciso atuar para fazer com que a situação melhore: ele próprio. E isto é sempre possível. Habitualmente, no entanto, pretende-se que seja o outro cônjuge que mude e quase nunca se consegue (...) se queres mudar o teu cônjuge muda tu primeiro em algo”[4].

## **Fecundidade de amor e de vida**

Os primeiros anos de matrimónio constituem o momento propício para pôr os fundamentos do amor. E o cimento natural do amor, de qualquer amor, é a fecundidade. Todo o amor é fecundo, tende a expandir-se, é espiritual e materialmente fértil. A esterilidade nunca foi atributo do amor. Não é suscetível nem mesquinho; *a medida do amor é amar sem medida*, dizia Santo Agostinho.

Um amor que se baseia no cálculo, na listagem de agravos, na limitação, é um amor que se nega a si mesmo. Todo o amor transborda, é excêntrico, convida a sair de si mesmo, é rico em detalhes, em atenções, em tempo, em dedicação ..., também em filhos, se Deus os envia, pelo menos na intenção.

Para além dessa fecundidade genérica, própria de qualquer amor, a via natural, específica, a mais própria, aquela que distingue o matrimónio dos demais amores humanos é a possibilidade de transmitir a vida: os filhos. “Assim, o começo fundamental da família é o serviço à vida, o realizar ao longo da história a bênção original do Criador, transmitindo na geração a imagem divina de homem a homem (cfr. Gn 5,1-3)”[5].

Neste terreno, portanto, o que é próprio do amor é a fecundidade, pelo menos de desejo, pois a biológica nem sempre depende de nós, e de facto, há casais com impedimentos para ter filhos que são exemplo de fecundidade, precisamente na sua abertura profunda ao cônjuge e a toda a sociedade. Um amor matrimonial que se fechasse voluntariamente à possibilidade de transmissão da vida seria um amor morto, que se nega a si mesmo e, claro, não seria matrimonial.

Questão diferente é o número: quem pode pôr números ao amor?... , mais ainda, quem pode julgar e calcular o amor de outros num número? Há que ser muito cautelosos e não julgar nunca, pois pode haver motivos para espaçar o nascimento dos filhos (respeitando a natureza própria das relações conjugais). Mas o princípio há-de ficar claro: o que é próprio do amor é a fecundidade, não a esterilidade. E os filhos, como são pessoas, pensam-se um a um com liberdade e generosidade, quer dizer, com amor.

*Javier Vidal-Quadras*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaría, *Apontamentos de uma tertúlia*, Santiago do Chile, 7-VII-1974.

[2] M. Brancatisano, *La Gran Aventura*.

[3] Francisco, Audiência geral, 22-IV-2015.

[4] U. Borghello, *Las crisis del amor*.

[5] S. João Paulo II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, n. 28.

## Ambiente de família, escola de amor

A família é uma célula aberta ao serviço da sociedade, não é uma instituição fechada, longínqua e de âmbito estritamente privado; como diz o Catecismo da Igreja Católica: “A família é a *célula originária da vida social*. É a espaço natural no qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e as relações no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade na sociedade. A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade”[1]. Assim, podemos dizer que a família é o *âmbito natural do amor*.

### **Uma família *em saída*: dar e receber**

Esse amor, próprio dos cônjuges, é desejar que o outro exista e que exista bem, não de qualquer maneira: porque te amo, procuro o teu bem, a tua felicidade. Com a chegada dos filhos, o amor entre os esposos cresce, multiplica-se e manifesta-se na busca do bem para cada filho, em querer o melhor para eles – em todos os aspetos: físico, emocional, espiritual, etc. Porém como a família não fica fechada em si mesma, mas transcende a sua própria esfera e se integra na sociedade – mais ainda, sem família, não há sociedade –, esse amor que começou sendo dos esposos e se prolongou nos filhos é chamado, também, a ampliar-se: todos merecem participar no amor que a família irradia, que se manifesta no desejo de bem.

Para conseguir que o amor cresça, cada família tem de procurar aumentar a sua capacidade de dar e receber. Nalgumas ocasiões existe uma tendência para dividir a profunda unidade dar-receber; o

resultado é a desagregação da família, parece que “o dar é para os pais; o receber é para os filhos. E, então, resta um grupo de seres humanos pouco unidos pelo amor familiar: pais sacrificados, filhos mais ou menos irresponsáveis... Todos devem dar e receber. Em primeiro lugar, *dar*, porque toda a pessoa é um ser de contributos. E depois, *receber* para dar mais, para dar melhor”[2]. Como diz Enrique Rojas: “O amor não é egoísta. A sua única referência é o outro. O amor acaba com a vida solitária”. Porém, o amor precisa de ser *concretizado*. A este respeito, diz o Papa Francisco: “*O amor... não é o amor das novelas. Não, é outra coisa. O amor cristão tem sempre uma qualidade: o concreto (...) o próprio Jesus, quando fala de amor, fala-nos de coisas concretas: dar de comer aos famintos, visitar os enfermos...*”.

O Papa sugere dois critérios. O *primeiro* é que o amor está mais nas obras do que nas palavras. O próprio Jesus disse: não são os que dizem “Senhor, Senhor”, os que falam muito, que entrarão no reino dos céus; mas aqueles que cumprem a vontade de Deus. É o convite, portanto, a estar no «concreto» cumprindo as obras de Deus. Assim, o primeiro critério é *amar com obras, não só com palavras*. O *segundo* é este: *no amor é mais importante dar do que receber*. A pessoa que ama dá – vida, coisas, tempo –, entrega-se a si mesma a Deus e aos outros. Pelo contrário, a pessoa que não ama e que é egoísta procura sempre receber, procura sempre tirar vantagens[3].

Hoje em dia, há muitas pessoas necessitadas de ajuda por diversas circunstâncias: a fome, a imigração, a guerra, vítimas de abusos e violências e do terrorismo; pessoas afetadas por catástrofes naturais; outros, perseguidos por causa da sua fé; o drama do aborto e da eutanásia; o desemprego, sobretudo dos jovens; idosos que vivem em solidão. Todas estas realidades convivem de uma maneira ou de outra conosco, no dia a dia e é justamente aí que cada pessoa, cada família, é chamada a ser um agente de ajuda e de mudança a favor dos mais necessitados.

Como diz o Concílio Vaticano II, “A própria família recebeu de Deus esta missão, de ser a célula primeira e vital da sociedade. Cumprirá esta missão se, pela mútua piedade dos seus membros e pela oração em comum dirigida a Deus, for como que o santuário

doméstico da Igreja; se a família toda se inserir no culto litúrgico da Igreja; se, finalmente, *oferecer hospitalidade acolhedora, promover a justiça e outras boas obras ao serviço de todos os irmãos em necessidade*. Entre as várias atividades do apostolado familiar, podem enumerar-se as seguintes: adotar como filhos crianças abandonadas, receber benignamente os peregrinos, cooperar na orientação das escolas, apoiar os adolescentes com conselhos e com meios económicos, ajudar os noivos a prepararem-se melhor para o matrimónio, dar catequese, amparar os cônjuges e as famílias que estão em perigo material ou moral, garantir aos idosos não só o necessário, mas também uma distribuição equitativa dos frutos do progresso económico”[4].

Este Ano Jubilar da Misericórdia é uma nova oportunidade para viver o amor familiar e *concretizar* o amor aos necessitados. O conjunto das obras de misericórdia oferece-nos a possibilidade de nos abirmos, de nos darmos aos outros. O Papa Francisco chama-nos a redescobrir as obras de misericórdia corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher o estrangeiro, assistir os enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E a não esquecermos as espirituais: aconselhar os que têm dúvidas, ensinar os ignorantes, advertir os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar pacientemente as pessoas irritantes, rezar a Deus pelos vivos e defuntos. “A misericórdia não é *ser bonzinho*, nem mero sentimentalismo”, pelo contrário, é a manifestação do Amor infinito de Deus por cada um e a realização humana do amor ao próximo.

É assim que a família é chamada a ser “escola de generosidade”, ou seja, na família “aprende-se que a felicidade pessoal depende da felicidade do outro, descobre-se o valor do encontro e do diálogo, a disponibilidade desinteressada e o serviço generoso”.

“As crianças que veem na sua casa como se procura sempre o bem da família, e como uns se sacrificam pelos outros, aprendem um estilo de vida baseado no amor e na generosidade. É uma vivência que deixa uma marca indelével. Crescerão sabendo que integrar-se na sociedade não é só receber, mas receber e retribuir”[5].

## **Dar-se na própria família**

Muitas vezes – e é preciso fazê-lo –, dirigimos o olhar para as realidades distantes procurando fazer o bem: damos dinheiro, tempo, trabalho, esquecendo talvez que é nos mais próximos que encontramos o nosso principal e mais importante campo de ação. Não só com o cônjuge e os filhos, mas também com os pais já idosos e talvez doentes que requerem uma atenção especial; com parentes necessitados por diversas razões; com amigos próximos que precisam do nosso conselho; com pessoas conhecidas com quem contactamos regularmente e que precisam temporariamente de uma casa, da presença de um amigo, etc. Para os cônjuges cristãos, a sua primeira “periferia” é a própria família, onde talvez se encontrem os que mais necessitam da sua dádiva amorosa. Depois, o mundo inteiro para “afogar o mal em abundância de bem”, como S. Josemaria gostava de dizer[6].

Quanto aos idosos da família, eles merecem – como as crianças –, uma solicitude especial, quer sejam os próprios pais ou outros familiares próximos que, pelo passar dos anos, necessitam de atenções particulares. A esperança de vida é cada vez mais longa, no entanto, não se atendeu, paralelamente, à necessidade dos cuidados específicos para os idosos, que, muitas vezes, são considerados uma carga difícil de carregar, ou ainda pior, em determinadas circunstâncias ficam desamparados e abandonados. Com cada um deles, temos de ser amáveis, pacientes, oferecer-lhes o nosso tempo, o nosso carinho e ajuda nas suas necessidades e ensinar os filhos a agir da mesma maneira. Amanhã serão eles, talvez, a ter de cuidar dos seus pais e, se não o viram, se não o viveram, não saberão ou não quererão fazê-lo. A família é o lugar onde os mais fracos encontram auxílio e proteção. Por isso, é o melhor lugar para cuidar dos idosos. A esse respeito, dizia Bento XVI: “A qualidade de uma sociedade, gostaria de dizer de uma civilização, mede-se, também, pela forma como trata os idosos e *pelo lugar que lhes é reservado na vida em comum*”.

Este *dar-se* aos que estão próximos de cada um, se é por amor, se faz com a alegria dos que sabem que são filhos de Deus, destinados à

felicidade que só se encontra fazendo o bem.  
*Carolina Oquendo Madriz*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n 2206.

[2] Oliveros F. Otero (1988), *La felicidad en las familias*, Loma Editorial, México.

[3] Cfr. Papa Francisco, *Homilia em Santa Marta*, 9-1-2014.

[4] Decreto *Apostolicam Actuositatem* (18 novembro 1965), n.11.

[5] María Lacalle Noriega (2015), *La dimensión pública de la familia*. En: Nicolás Álvarez de las Asturias (Ed.), *Redescubrir la familia*, Palabra, Madrid.

[6] S Josemaria, *Sulco*, n 864.

## Construir o lar: um empreendimento vulgar que dá sentido ao trabalho

A fim de conhecer o plano de Deus para o homem e para a família é preciso voltar à origem. “Ortega y Gasset recordou a história do explorador do Pólo que depois de apontar a sua bússola para o norte, corre com o seu trenó (...) para comprovar que se encontra ao sul da posição inicial. Ignora que não viaja por terra firme, mas sobre um grande *iceberg*, que navega com rapidez na direção oposta à sua marcha. Também hoje muitos, com boa vontade, pomos a nossa bússola apontando para o norte para avançar, ignorando que flutuamos sobre o grande *iceberg* das ideologias e não na terra firme da verdade sobre a família”[1].

Na origem da humanidade, estão as pautas necessárias, a bússola que marcará sempre o norte.

A primeira dessas pautas ou chaves, referidas no Génesis, é que fomos criados para amar e ser amados, e isto realiza-se no “sereis uma só carne”[2] de homem e mulher, um dom de si enriquecedor e fecundo, que se abre a novas vidas. O matrimónio, configurado como entrega recíproca, como chamamento ao amor, seria uma primeira pauta.

A segunda, deriva da anterior e concretiza-se no mandamento divino: “Crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”[3]. Aqui aparece a conexão entre família (*multiplicai-vos*) e trabalho (*dominai a terra*), inseparavelmente unidos num mandamento único. Quer dizer, a partir do momento em que Deus cria o homem, fica clara a obrigação de trabalhar e também o sentido profundo do trabalho. Não se trata da mera realização pessoal, ou de um capricho, ou de um passatempo, mas de transformar a terra para a converter em lar. Desde a origem da humanidade, trabalho e família estão unidos e o sentido do trabalho não é outro senão servir a família. É uma forma

de entrega – como a dos esposos Adão e Eva – um dom de si, nunca um dom para si mesmo.

### **Perda do sentido da família, perda do sentido do trabalho**

No entanto, no último século e meio, produziu-se – pelo menos nos países mais desenvolvidos – uma rutura, e dá a sensação de que família e trabalho, que na sua origem eram inseparáveis, são agora irreconciliáveis. A família aparece como um obstáculo para o trabalho e vice-versa. Ser mãe, por exemplo, converteu-se para muitas mulheres num *handicap* laboral. Então, onde está aquele preceito do Génesis? O que era um mandamento único e uma vocação originária, transformou-se, para muitos, num dilema: ou trabalho ou filhos; ou se trabalha ou se cuida do lar; as duas coisas ao mesmo tempo parecem impossíveis.

É significativo que esta contraposição coincida no tempo, com a crise da família. O que pode levar-nos a pensar que uma crise tenha levado à outra, porque as suas raízes estão ligadas. A perda do sentido da família implicaria a perda do sentido do trabalho. De facto, em muitos casos, não se concebe o trabalho como um serviço à família, mas como um fim em si mesmo; não há lar, ou então há lares desfeitos, abandonados, ou carentes do calor de família.

Ao produzir-se esta contraposição, em muitos países do Ocidente, inverteram-se os termos. A empresa apresenta-se como uma família e a família reinventa-se como uma empresa com divisão de tarefas e quotas paritárias, tal como indicava Arlie Hochschild num estudo com o eloquente título: “Quando o trabalho se converte em casa e a casa se converte em trabalho”[4].

Mas seria erróneo pensar que o ambiente de lar se consegue mediante quotas paritárias ou uma espécie de divisão do trabalho. Consegue-se melhor, recuperando o sentido genuíno da família e, simultaneamente, o sentido genuíno do trabalho. A verdadeira reconciliação não depende – apenas – das leis do Estado, mas fundamentalmente de que marido e mulher se reconciliem. Porque eles são os verdadeiros artífices do lar. São livres para trabalhar fora de casa e ter filhos, optando por recuperar o trabalho no lar.

Isto resolveria o dilema a que antes nos referíamos.

Virá depois a tentativa de transformar as leis para que o Estado facilite esta escolha ao serviço da família, e conseguir uma cultura empresarial nesta linha. Mas primeiro hão de ser as próprias famílias, os esposos, a reconquistar o sentido genuíno do trabalho como dom de si e serviço ao cônjuge e aos filhos. Haverá mães que optarão por manter uma atividade profissional fora de casa e outras por se dedicarem plenamente ao lar, sendo ambas igualmente legítimas e, além disso, sabendo que o trabalho é serviço e não fim em si mesmo.

### **O lar, primeiro passo para superar a crise da sociedade**

Assim forjado, o lar converter-se-á em ponto de encontro das duas realidades: família e trabalho. O lar como âmbito do dom de si e do amor dos esposos e, portanto, da verdadeira reconciliação; e como empreendimento vulgar que compete a todos os membros da família. A casa não é apenas refúgio para descansar e regressar ao trabalho, mas o lugar do amor sacrificado, a escola de virtudes e a melhor resposta ao mandamento: “crescei, multiplicai-vos e dominai a terra”.

Sem sair das quatro paredes do lar, pode transformar-se o mundo; “Atrevo-me a dizer que a triste crise que sofre agora a nossa sociedade tem as suas raízes no descuido do lar”[5].

Se o centro do lar é o amor dos esposos que transmite vida e se irradia para os filhos, os seus eixos são o leito conjugal e a mesa, entendida esta como espaço de convivência entre pais e filhos e entre irmãos, âmbito de ação de graças a Deus e de diálogo. É significativo que os ataques mais duros que a família está a sofrer se produzam aí. No primeiro caso, a partir do hedonismo e da ideologia de género, que separam os aspetos unitivo e procriativo do ato conjugal; e no segundo, através do ruído gerado pelo mau uso da televisão, internet e outras tecnologias que tendem a isolar os adolescentes, impedindo a sua abertura aos outros.

Não é por acaso que uma das primeiras medidas adotadas por alguns regimes totalitários, foi proibir o fabrico de mesas altas e

promover o uso de mesinhas baixas ou individuais. Com isso tornava-se muito difícil a reunião familiar ao almoço ou ao jantar. Atualmente, o abuso da televisão e das tecnologias – unido a outros fatores como o trabalho ou as longas distâncias – estão a produzir um efeito semelhante no seio das famílias.

### **A importância da mesa: ação de graças, diálogo, convivência**

Devolver a sua importância à mesa é uma forma de recuperar o ambiente de lar. Na mesa confluem os dois elementos do duplo mandamento do Génesis: a família, pais e filhos – “crescei e multiplicai-vos” – e o fruto do trabalho – “dominai a terra”. A mesa oferece a ocasião para agradecer ao Criador o dom da vida e os dons da terra: é diálogo com Deus, também através da materialidade dos alimentos que recebemos da Sua bondade. E tem uma decisiva função educativa e comunicativa: os filhos alimentam-se da comida e também da palavra, da conversa, do debate de ideias, e até das divergências e discussões, que contribuem para forjar o seu caráter.

Daí a importância de dedicar um tempo diário e específico à mesa. Se não é possível tomar o pequeno-almoço ou almoçar juntos, pelo menos convém reservar o jantar para propiciar esse espaço de diálogo e confraternização.

Um espaço que se prepara com tempo e entusiasmo; que se constrói com renúncia e sacrifício; que se inicia com a bênção dos alimentos[6] e que anda à volta de um diálogo. É uma oportunidade única para que os pais eduquem não com discursos, mas com pequenos gestos, pormenores aparentemente insignificantes; e para que os irmãos aprendam a entender-se, a colaborar, a ceder... Tempos e lugares compartilhados, que formarão a sua identidade, recordações permanentes que os marcarão de modo indelével.

Uma tarefa entusiasmante que a todos compromete, uma vez que a oração, a ação de graças e o diálogo, mais do que a comida, é o que realmente alimenta e conserva a família.

Empenhar-se por uma cultura da família pressupõe “descer” do *iceberg* das ideologias enganadoras e recuperar o sentido genuíno do

duplo mandamento do Génesis. E pode conseguir-se a partir de um espaço tão modesto como o das quatro paredes do lar, perímetro contraditório porque é sempre “maior por dentro do que por fora”, como o descrevia Chesterton; recuperando a comunicação, o amor dos esposos e a participação à mesa; deixando sempre mais um prato..., para o caso de Deus querer vir jantar nessa noite.

*Teresa Díez-Antoñanzas González e Alfonso Basallo Fuentes*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] J. Granados, *Ninguna familia es una isla*, Burgos 2013.

[2] Gn 2, 24.

[3] Gn 1, 28.

[4] A.R. Hochschild, “When work becomes home, and home becomes work”, *California Management Review* (1997), 79-97.

[5] J. Echevarría, *Carta pastoral, 1-VI-2015*.

[6] Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'*, n. 227, 24-V-2015.

## Trabalho e família: diretrizes para conciliar

Hoje em dia é frequente encontrar muitos casais que sofrem uma contínua tensão ao tentar conciliar a vida profissional e a vida familiar. Não têm tempo e energia para cumprir todas as suas tarefas: a atenção dos filhos, o cuidado da casa, as exigências do trabalho profissional... Esta tensão pode afetar muito negativamente a família. Apesar dos seus esforços, os esposos geralmente sentem-se derrotados pelo turbilhão imposto pela vida contemporânea. Que está a acontecer?

### **Vida familiar e vida de trabalho**

O desafio de conciliar a vida laboral e a vida familiar parece irromper como um fenómeno novo e complexo, que muitos casais ainda não souberam resolver. Talvez a causa decisiva tenha sido a incorporação massiva da mulher no mercado de trabalho durante os séculos XIX e XX, que mudaram uma dinâmica tranquila onde parecia imperar uma clara divisão de tarefas: o âmbito doméstico era mais próprio da mulher e o trabalho externo, do homem. Detendo-nos a pensar sobre a situação em que se encontra a família na atualidade, vemos que há aspectos ambivalentes. Assim o escreve João Paulo II na exortação apostólica *Familiaris Consortio*:

“Por um lado, de facto, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos; há, além disso, a consciência da necessidade de que se desenvolvam relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a descoberta de novo da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa. Por

outro lado, contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva.”[1]

Esta síntese pode-nos servir para orientar cada situação dada (pessoal, profissional, familiar, social, etc.), e dar-lhe o lugar e a relevância que lhe corresponde.

### **O significado do trabalho**

Em primeiro lugar, devemos considerar que, de alguma forma, o trabalho está presente em todas as esferas da nossa vida: quer seja não remunerado, profissional, doméstico ou social; o cristão sempre pode trabalhar, esforçar-se, como Jesus Cristo e o Pai: “Meu Pai trabalha sempre, e Eu também trabalho”[2].

O trabalho é um terreno conatural ao ser humano. Fomos criados para trabalhar[3]; não só para conseguir um sustento, mas para contribuir para o progresso social e para o bem de toda a humanidade. Como explica a *Gaudium et Spes*, Deus decide criar o homem e a mulher para governarem as coisas da terra em justiça e santidade. Essa atividade é o seu trabalho. No seu significado mais originário, o trabalho não é senão a atividade humana que interage com a criação material; de modo que, constitutivamente, fomos feitos para trabalhar: “homo, quasi adiutor est Dei”, como o ajudante de Deus, diz audazmente S. Tomás de Aquino. A criação, portanto, apesar de ser perfeita, porque é obra de Deus, pode por sua vez ser aperfeiçoada pela liberdade do homem.

Ao mesmo tempo, sabemos que depois do pecado original, a dor e o cansaço se acrescentaram ao trabalho. No entanto, mais do que o cansaço, a pior consequência do pecado é o orgulho: a deformação do trabalho que nos leva a esquecer que somos ajudantes de Deus, a inverter os termos e querer, pelo trabalho, ser como deuses.

Somos colaboradores de Deus na família, no cuidado dos filhos, no trabalho profissional. Se nos deixamos levar pelo orgulho ou pela preguiça, não tomaremos as decisões certas para conseguir o equilíbrio adequado na nossa família.

### **Unidade de vida**

Em segundo lugar, as esferas profissional e doméstica não deveriam enfrentar-se, pois na realidade completam-se: o âmbito familiar enriquece-se com a vida profissional e, por sua vez, a vida profissional enche-se de sentido e de entusiasmo com a perspectiva familiar.

Algo que já dizia S. Josemaria, respondendo a uma pergunta: “os dois trabalhos são compatíveis. Tu fazes com que sejam compatíveis. Hoje, na vida, quase toda a gente tem mais de um emprego. (...) E digo que tem razão, que são dois trabalhos perfeitamente compatíveis”[4].

No entanto, como recorda o Papa Francisco, “A família é um grande teste. Quando a organização do trabalho a mantém refém, ou até lhe impede o caminho, então estamos certos de que a sociedade humana começou a agir contra si mesma! As famílias cristãs recebem desta conjuntura um grande desafio e uma grande missão. Elas apresentam os fundamentos da criação de Deus: a identidade e o vínculo do homem e da mulher, a geração dos filhos, o trabalho que torna a terra doméstica e habitável”[5].

A coerência cristã leva a priorizar, de acordo com as circunstâncias, cada uma das tarefas que derivam da nossa condição de pais, cônjuges, amigos, companheiros, etc. Aí está a luta para manter a unidade de vida: estabelecer as prioridades; ou seja, fixar o olhar nos objetivos mais altos de amor a Deus e amor aos outros seja qual for o campo em que operamos.

Estas metas ajudam-nos a colocar no seu lugar os múltiplos afazeres, que são hierarquizados de acordo com esse ideal de vida. E, ao mesmo tempo, procurar realizá-los com intensidade, aproveitando ao máximo: com os pés bem cravados na terra e a vista no céu, como gostava de repetir S. Josemaria. Mais do que conciliar,

no fundo, trata-se de integrar as diversas atividades de cada dia, ou, pelo menos, de tentar todos os dias.

## **O trabalho da casa**

De modo geral, é preciso desenhar um projeto matrimonial próprio, adequado às necessidades de cada família: sem filhos, com muitos ou poucos filhos, filhos com necessidades especiais, cuidado dos avós... Se um dos cônjuges decide dedicar-se ao cuidado da casa é uma opção legítima. De facto, são muitas as mães que optam pelo cuidado exclusivo do lar. Com mentalidade profissional, elas também têm que conciliar esse trabalho com a vida familiar.

O cuidado da casa traduz-se na atenção a mil detalhes da convivência diária, que realizados com amor, se enchem de transcendência, humana e sobrenatural. Como explica uma mãe inglesa de cinco filhos: “Afim, grande parte da vida consiste em coisas pequenas: pôr em ordem as coisas quando termino cada tarefa, por amor; oferecer o trabalho de lavar as meias que cheiram mal, pela Igreja no Cazaquistão; escutar um dos filhos quando me sinto esgotada e ansiando por cinco minutos de paz; ser atenciosa com um vendedor que telefona precisamente na hora do almoço...”[6].

## **Diretrizes para o equilíbrio trabalho/família**

Na primeira parte deste artigo tratou-se da unidade de vida e da desejada integração entre trabalho profissional e vida familiar. Nesta segunda parte, proporcionam-se algumas diretrizes para progredir no esforço de tornar esses âmbitos compatíveis. Estas regras poderiam ser resumidas em quatro: antecipar, assumir, aprender e amar.

- Antecipar
- Assumir
- Aprender
- Amar

Para chegar a tudo convém ser práticos e adiantar todas as tarefas possíveis. Com antecedência suficiente, poderemos assentar primeiro as “pedras” grandes, as importantes, para que cada tarefa tenha o seu lugar e possa caber tudo. Mas, para antecipar, devemos manter clara a ordem de prioridade das tarefas: Deus, os outros e eu, é uma forma rápida de sintetizar a ordem que deveria reger a vida do cristão.

Às vezes, isto pode supor especificar dia e hora para cada trabalho, e não deixar nada à improvisação. Somente se tivermos um plano, será possível ser flexíveis e encaixar os imprevistos que aparecerem ao longo da jornada.

Um modo de antecipar e ser flexível é aplicar à gestão da casa o esquema das empresas: fixar metas, estratégias, precedências, tarefas que podem ser delegadas e devem ser comunicadas com tempo.

Se o “negócio mais importante” é a nossa família, devemos tomar todas as medidas de acordo com uma determinada organização. Deixar tudo para a improvisação não garante a paz nem a ordem necessárias para a convivência.

O que vale, custa, diz o provérbio. O melhor é assumir quanto antes a grande energia física e mental que isto implica. “O desafio do equilíbrio está em saber viver o nosso projeto familiar com coerência, reconhecendo que, pelo grande facto de ser um casal, assumimos uma série de obrigações que nos devemos nos esforçar por viver, evitando as falsas desculpas que impedem ou dificultam o cumprimento destas obrigações e vivendo com realismo cada uma das situações que aparecem na vida”[7].

Nalguma etapa da vida pode ser preciso desempenhar muito trabalho, fora e dentro de casa, e isso exige uma grande dose de realismo e generosidade; e também desprendimento da tendência ao perfeccionismo e das manias pessoais.

Não estamos sós nem somos os únicos que tentamos harmonizar o trabalho e a família. Existem várias maneiras de lidar com uma vida que deve atender a múltiplas frentes. Por exemplo, pode-se aprender muito participando de alguns cursos de Orientação

Familiar, ou dos testemunhos de outros pais cristãos que lutam por viver desta forma, integrando os âmbitos profissional e familiar[8].

Concretamente, manter o equilíbrio adequado entre trabalho e família supõe geralmente dirigir bem o nosso recurso mais escasso: o tempo. Há vários truques e conselhos para maximizar o nosso tempo:

- *“Faz o que deves e está no que fazes”* dizia S. Josemaria[9]. Deste modo, evitaremos perder tempo para concentrar-nos de novo em cada coisa, procurando terminá-la no tempo previsto. Podemos também oferecer a Deus e evitar a dispersão de estar em vários assuntos ao mesmo tempo.

- *Fixar um tempo para o trabalho profissional.* É imprescindível pôr um limite semanal às horas que serão dedicadas ao trabalho fora de casa. O tempo para estar com os filhos e o cônjuge deve ser considerado sagrado.

- *Evitar atividades inúteis,* como programas de televisão que não ensinam nada, conversas inúteis ou daninhas, etc., que são verdadeiros ladrões do tempo. Como explica Nuria Chinchilla, às vezes atiramos a culpa do nosso stresse aos outros, às circunstâncias, quando muitas vezes perdemos tempo em atividades sem importância: “e se olharmos primeiro para nós mesmos? Porque esta é a única realidade que podemos mudar. Com certeza, encontraremos falta de organização pessoal, confusão de prioridades, pouca delegação nos colaboradores, excesso de otimismo ao avaliar as próprias capacidades e potencial de trabalho, pretensão de abarcar um campo de atividades amplo demais, pouca pontualidade e controlo de horário, adiamento ou precipitação nas decisões importantes...”[10].

- *Tempo de qualidade.* Uma vida familiar saudável requer tanto quantidade de tempo como qualidade no tempo, para poder desenvolver as funções derivadas dos nossos papéis de pais e esposos. Um modo de aproveitá-lo é reservar os fins de semana e as férias: um tempo de “disponibilidade completa”, para cuidar especialmente do nosso casamento e dos nossos filhos, progredindo assim no desejado equilíbrio. Podemos pensar em atividades que nos permitam estar juntos, que enriqueçam e que reforcem os vínculos

familiares. Se não priorizarmos esse tempo com o nosso cônjuge e os nossos filhos, se organizamos umas férias muito emocionantes, mas que não permitem estarmos juntos com tranquilidade, não teremos progredido no projeto comum que é o casamento e a família.

- *Fixar tempos de reflexão.* Quanto mais abundantes são as diversas tarefas que temos de realizar, mais necessário se torna fazer “pausas” durante o dia, para pensar como organizá-las melhor. Para um cristão esses tempos de reflexão são tempos de oração. Deus acompanha-nos sempre e podemos pedir-lhe ajuda nesses momentos de grande atividade.

Em última análise, é o amor de Deus que dá unidade, põe ordem no coração, ensina quais são as prioridades. “Entre essas prioridades está saber colocar sempre o bem das pessoas acima de outros interesses, trabalhando para servir, como manifestação da caridade; e viver a caridade de maneira ordenada, começando por aqueles que Deus colocou mais diretamente ao nosso cuidado”[11].

O amor aos outros faz-nos focar bem a nossa vida e percebermos como a nossa situação é positiva: se temos que conciliar um trabalho exigente com uma família é porque temos muita sorte. Não somos vítimas, mas beneficiários de grandes dons.

*Rosalía Baena*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] João Paulo II, Exortação Apostólica Familiaris Consortio, n. 6

[2] Jo 5,17

[3] Cf. Gn 2,15 (Vulgata)

[4] S. Josemaria, anotações de um encontro familiar, Santiago de Chile 7/07/1974

[5] Papa Francisco, audiência geral, 19/08/2015

[6] [Testemunho de Virginia McGough](#)

[7] Cfr. “Família e trabalho” (Nota Técnica. Curso Amor Matrimonial II)

[8] Cf., por exemplo: Família, trabalho e bom humor, Escolher o cônjuge adequado com que compartilhar grandes desafios, "Cuidar da minha família é um verdadeiro trabalho profissional", Entre o trabalho e a família

[9] Caminho, n. 815

[10] A ambição feminina: como conciliar trabalho e família / Nuria Chinchilla, Consuelo León

[11] Cfr. López Díaz, J. y Ruiz, C., 'Trabajo y familia'

## Fortalecer o amor: o valor das dificuldades

“Os casados – recordava S. Josemaria – são chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união; cometeriam por isso um grave erro, se edificassem a sua conduta espiritual de costas e à margem do seu lar”[1].

Ninguém se casa para se separar. Ninguém traz um filho ao mundo para o fazer infeliz. E, no entanto a realidade mostra diariamente situações difíceis, não desejadas, que parecem negar premissas tão evidentes como estas.

### **Uma decisão de vertigem**

Certamente, casar-se para sempre não é uma decisão fácil. Como todo o compromisso definitivo, produz uma vertigem existencial. Mas, uma vez tomada, com plena consciência e determinação, a vertigem desaparece e transforma-se em segurança e alegria.

A liberdade falou e o espírito atento descobre então um novo horizonte de liberdade: não tem sentido deter-se no passado, pensando no que se deixou para trás; o novo futuro descoberto oferece um panorama de crescimento pessoal que a alma enamorada se vê impelida a percorrer. As rédeas do nosso amor estão agora nas nossas mãos e não no acaso das circunstâncias.

Naturalmente, não é um percurso sem espinhos. Haverá dificuldades que se intuem. Mas por trás desse *sim* que não admite voltar atrás, percebe-se também a valentia para as enfrentar. A vida adquiriu sentido e descobre-se uma nova missão, que lança uma luz inédita sobre toda a existência.

Alguns, por medo a esses espinhos, procuram evitar amar com esta profundidade de vida. É compreensível. O amor é paradoxal, pois, por um lado, faz-nos fortes para enfrentar as dúvidas, os

obstáculos e os conflitos que poderão aparecer ao longo do caminho; mas, por outro, torna-nos frágeis, deixa à intempérie os nossos pontos débeis. Quem ama expõe-se à dor, já que aqueles a quem amamos também têm a capacidade de nos fazer sofrer.

Certas técnicas ou filosofias orientais oferecem outro caminho: não sintas e não sofrerás. No entanto, a ausência de dor não equivale à felicidade. O que ama torna-se vulnerável, é verdade. Mas, no matrimónio autêntico, a vulnerabilidade, por ser recíproca, pode aceitar-se sem medo: entrego-me ao meu cônjuge e sei que o meu cônjuge se entrega a mim. A minha vulnerabilidade ganha força nas suas mãos, e a sua entrega faz-se mais forte nas minhas.

A primeira condição para superar as dificuldades no matrimónio é não estranhar que um dia possam surgir. São um terreno pelo qual o nosso amor terá que passar algum dia. Como numa subida à montanha, quando se tem a meta clara, as dificuldades não são alheias à travessia, fazem parte dela, e o desafio consiste em pôr engenho e fortaleza para as superar. Como disse o Papa Francisco, os que enfrentam assim o matrimónio são “homens e mulheres suficientemente valentes para levar esse tesouro nas «vasilhas de barro» da nossa humanidade”, e constituem “um recurso essencial para a Igreja, e também para todo o mundo”[2].

Podemos distinguir as dificuldades que podem surgir na vida matrimonial e familiar em três grupos: as procedentes do ambiente, as que provêm dos filhos e as que afetam o próprio matrimónio. O caminho que sugiro para as superar é o mesmo nos três casos: unidade. Unidade familiar, unidade matrimonial e unidade pessoal.

### **Dificuldades do ambiente: unidade familiar**

Por ambiente refiro-me aqui ao âmbito próximo, mas diferente da família íntima. Podem ser problemas de trabalho ou económicos, a doença de um pai ou de uma mãe, controvérsias entre familiares ou amigos.

O critério seguro para enfrentar estas dificuldades, que pela sua própria diversidade não admitem soluções uniformes, é a unidade familiar. A melhor maneira de as enfrentar é integrá-las na dinâmica

familiar. Não deixar que atuem como um fator externo de desestabilização pessoal.

Na família, as alegrias multiplicam-se e as penas dividem-se. Quando a ameaça é exterior à família, é a família inteira que há-de enfrentá-la, contribuindo cada um, no nível que lhe é próprio e na perspectiva que lhe corresponde, com a sua particular visão e apoio. A unidade familiar atua, além disso, como limite e critério para qualquer proposta, solução ou ponto de vista que se coloque.

Em não poucas ocasiões, estas dificuldades convertem-se num campo especialmente propício para a educação de virtudes essenciais para o desenvolvimento pessoal: confiança, humildade, sobriedade, ajuda mútua, etc.

### **Dificuldades dos filhos: unidade matrimonial**

Quando os problemas procedem dos filhos, a solução passa sempre pela unidade matrimonial. Durante longos períodos, os filhos podem chegar a ser uma fonte constante de conflito matrimonial.

Perante as dificuldades com os filhos, a primeira ocupação tem de ser o nosso cônjuge. O mais importante é aumentar o nosso amor. Suceda o que suceder com um filho, o caminho mais seguro para o ajudar a superar o seu conflito pessoal é que perceba, com a maior evidência possível, o amor que os seus pais têm um pelo outro, além, naturalmente, do amor que lhe têm a ele.

Depois virão os conselhos, as técnicas, o diálogo constante no matrimónio, o compromisso mútuo, a análise serena, a ajuda de profissionais e tudo o resto. Mas a primeira condição para dar segurança e critério ao nosso filho é o amor mútuo dos seus pais.

Se os nossos filhos se apercebem de maneira clara e contundente, quase materialmente, dessa prioridade (primeiro é o teu pai; primeiro é a tua mãe), teremos posto as bases para enfrentar eficazmente o problema, seja de que natureza for.

### **Dificuldades no matrimónio: unidade pessoal**

“O presente mais precioso que o casamento me deu foi o de me oferecer um choque constante com algo muito próximo e íntimo mas ao mesmo tempo indefetivelmente outro e resistente, real, numa palavra”[3], afirma C.S. Lewis. Pode chegar o momento em que a relação matrimonial se turve ou se endureça. Circunstâncias diversas podem influir com maior ou menor intensidade e extensão. Por vezes, uma pequena gota – que talvez faça encher o copo – desencadeia o temporal: “Um casal que começa a discutir, a litigar... Não têm nunca razão o marido e a mulher para discutir. O inimigo da fidelidade conjugal é a soberba”[4].

Unidade pessoal equivale aqui a autenticidade de vida; integridade de vida intelectual, volitiva, emocional, biográfica. Perante qualquer dificuldade na relação matrimonial, deve-se arrejeitar a tentação de romper com que somos, com aquilo que quisemos ser. Refazer a vida, sim, mas com os nossos próprios materiais, não com os de outro ou de outra. O compromisso matrimonial transformou-nos de maneira radical e já não deveria ser imaginável a nossa vida sem ela ou sem ele.

Assim há-de ser sempre. Com visão ampla, magnânima, com generosidade de espírito. Não importa fazer um pouco de teatro no matrimónio e *forçar* a própria entrega quando o sentimento não acompanha. Como recordava S. Josemaría, referindo-o a Deus, temos o melhor espetador possível para essa humilde interpretação: a nossa mulher, o nosso marido, e o sentimento, se se sabe invocá-lo, sempre volta.

Fortalecer o amor é atualizá-lo. Escolher cada dia os que amamos: amei-a hoje? Notou-o? E voltar depois os olhos para nós próprios; só há uma pessoa que pode ajudar a melhorar a relação: eu próprio. Sou eu quem deve mudar e, então, com a nova visão que a minha transformação me dá, ajudá-lo a ele, ou a ela, a fazê-lo. Quem há-de dar o primeiro passo? A resposta não é nova: o que vê o problema, quer dizer, eu próprio.

Há uma virtude e uma conduta que surgem necessariamente quando se trata de reconduzir o amor: a humildade e o perdão. Humildade para reconhecer os próprios erros, humildade para pedir ajuda quando seja necessário, humildade para pedir perdão,

humildade para conceder esse perdão e humildade para aceitar ser perdoado. E que seja um perdão humilde, não altivo, generoso, compreensivo e oportuno, que saiba dizer sem palavras: “preciso de ti para ser eu mesmo”, como descreveu Jutta Burggraf[5].

*Javier Vidal-Quadras*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaría, *Cristo que passa*, 23.

[2] Papa Francisco, Audiência geral, 6-V-2015.

[3] C.S. Lewis, *Una pena en observación*, Trieste, Madrid 1988, p. 24.

[4] S. Josemaría, notas de uma reunião familiar, 1-VI-1974.

[5] J. Burggraf, "Aprender a perdoar". Artigo publicado na revista *Retos del futuro en educación*. Editada por O.F. Otero, Madrid 2004.

## Amor conjugal

“Deus que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano”[1]. Quando Deus criou o homem, criou um ser capaz de amar e de ser amado, porque Deus é Amor e fê-lo à Sua imagem e semelhança[2].

Homem e mulher foram criados um para o outro. Nota-se já a vontade do Criador de fazer destas duas pessoas – distintas pela sua natureza sexuada, iguais na sua dignidade – seres complementares. O matrimónio “está inscrito na própria natureza do homem e da mulher, tais como saíram das mãos do Criador. O matrimónio não é uma instituição puramente humana, apesar das numerosas variações a que esteve sujeito no decorrer dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Tais diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. (...) Existe, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial”[3].

“Para o cristão o matrimónio – afirmava S. Josemaria – não é uma simples instituição social e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural”[4].

### **Amor de esposos, amor de Deus**

Como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “Deus, que criou o homem por amor, também o chamou ao amor, vocação fundamental e inata de todo o ser humano. Porque o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que é Amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, o amor mútuo dos dois, torna-se imagem do amor absoluto e indefectível com que Deus ama o homem. É bom, muito bom, aos olhos do Criador”[5].

O homem, quando ama, realiza-se plenamente como pessoa. É o que nos recorda o Concílio Vaticano II: “o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”[6].

Todo o homem de boa vontade é capaz de o entender. O dom de si ao outro é fonte de riqueza e de responsabilidade, assegura S. João Paulo II, e Bento XVI acrescenta que é atenção ao outro e para o outro.

Mas o pecado original quebrou a comunhão harmónica entre o homem e a mulher. A mútua atração converteu-se em relação de domínio e de concupiscência. “A ordem da Criação subsiste, apesar de gravemente perturbada. Para curar as feridas do pecado, o homem e a mulher precisam da ajuda da graça que Deus, na sua misericórdia infinita, nunca lhes recusou. Sem esta ajuda, o homem e a mulher não podem chegar a realizar a união das suas vidas para a qual Deus os criou *no princípio*”[7].

E foi Jesus Cristo quem veio restabelecer a ordem inicial da Criação. Pela sua Paixão e pela sua Ressurreição, fez com que o homem e a mulher fossem capazes de se amar como Ele nos amou. Ele “dá a força e a graça de viver o matrimónio na dimensão nova do Reino de Deus”[8].

### **Duas pessoas, um só coração**

Como diz o Catecismo da Igreja Católica: “O amor conjugal comporta um todo em que entram todas as componentes da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade –; visa uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, conduz à formação de um só coração e de uma só alma, exige a *indissolubilidade* e a fidelidade na doação recíproca definitiva; e abre-se à *fecundidade*. Trata-se, é claro, das características normais de todo o amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e consolida, mas as eleva ao ponto de fazer delas a expressão de valores especificamente cristãos”[9].

Dom e aceitação são simultâneos e recíprocos; com efeito, o dom só é realmente conjugal se passa pela aceitação do outro que, por sua vez, se dá e é recebido como cônjuge.

Cada esposo compromete-se, diante de Deus e perante o seu cônjuge, por um ato de amor que é um ato livre da vontade. E é Deus

que sela esta aliança, e nos deixa como modelo a fidelidade entre Cristo e a Igreja, que é Sua Esposa, de maneira que “pelo sacramento do Matrimónio, os esposos ficam habilitados a representar esta fidelidade e a dar testemunho dela”[10].

Um dos frutos e fins do matrimónio é a abertura à vida, “porque o amor conjugal tende naturalmente a ser fecundo. O filho não vem de fora juntar-se ao amor mútuo dos esposos; surge no próprio coração deste dom mútuo, do qual é fruto e complemento”[11]. O filho é “o dom mais excelente do matrimónio”[12]; acolhê-lo é “participar do poder criador e da paternidade de Deus”[13]. A união íntima e generosa dos esposos, querida por Deus, constrói e consolida o amor dos pais, “exprime e alimenta a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”[14]. Pelo contrário, atuar contra as exigências morais próprias do amor conjugal, é contrário ao respeito devido ao cônjuge e à sua dignidade.

No contexto da fecundidade, é importante considerar a situação daqueles casais que não podem ter filhos. Eles contam com a graça necessária para difundir a riqueza do seu amor conjugal de diversas maneiras, o que encherá os esposos de felicidade e tornará pleno o seu amor recíproco.

### **A força especial do sacramento**

O sacramento do Matrimónio confere aos esposos cristãos, uma graça particular que lhes permite aperfeiçoar o seu amor, afiançar a sua unidade indissolúvel, de “se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro ... e de se amarem com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegosto do festim das núpcias do Cordeiro”[15].

Neste sentido, para que perdure e alcance a sua plenitude, o amor conjugal deve cultivar-se. É exigente, diz S. Paulo. Força e perseverança são necessárias para enfrentar as provas. Assim o expressava S. Josemaria: “O matrimónio é um caminho divino, grande e maravilhoso e, como tudo o que é divino em nós, tem

manifestações concretas de correspondência à graça, de generosidade, de entrega, de serviço”[16].

Há que aprender a amar. “Amar é não albergar senão um pensamento: viver para a pessoa amada, não se pertencer a si mesmo, estar submetido, venturosa e livremente, com a alma e o coração, a uma vontade alheia - e ao mesmo tempo própria”[17].

Amar necessita tempo e requer esforço. Há que aprender a aprofundar no amor do cônjuge, procurando ter um conhecimento do ser amado cada vez mais fino, mais intenso e mais confiado. É necessário dilatar o próprio coração e o do cônjuge, procurar amenizar os seus limites com generosidade e, sobretudo, perdoar e ser misericordioso: fazer todo o possível para viver o dom de si, ao serviço do outro.

Cristo é o nosso modelo: “O Pai ama-Me – afirma o Senhor – porque dou a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira, antes a dou por Mim mesmo”[18]. É essa a vocação para o matrimónio: dar a própria vida por quem se ama. Por isso, os esposos devem deixar-se renovar por Jesus Cristo, que atua e transforma os seus corações. A oração dos esposos é vital para que ambos permaneçam em Deus, tenham uma paz sobrenatural perante as dificuldades – que se avaliarão assim na sua justa medida –, e saibam oferecer as penas, as fraquezas, e também as alegrias.

“Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um grave erro, se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar ”[19].

O amor manifesta-se nas *coisas pequenas*: palavras, gestos de afeto, pormenores. “O segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria íntima que dá a chegada ao lar; está no convívio carinhoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que colabora toda a família; no bom humor perante as dificuldades, que é preciso encarar com desportivismo; e também no aproveitamento de todos os progressos que nos proporciona a civilização para tornar a casa agradável, a vida mais simples, etc.”[20].

Os esposos hão de ser verazes e amantes sinceros e simples; expressar-se com inteligência, com abordagens positivas e

construtivas, retirando importância às pequenas ou grandes fricções que se apresentam na vida diária. Não quererão moldar o outro à medida dos seus desejos, aceitá-lo-ão tal como é, com os seus defeitos e qualidades, procurando – ao mesmo tempo – ajudá-lo com paciência e verdadeiro carinho.

Esforçar-se-ão por ser humildes, reconhecendo as suas próprias limitações para não dramatizar as do outro. Procurarão perceber a riqueza, mais do que as fraquezas do outro.

Serão, sobretudo, misericordiosos, como Cristo foi misericordioso. O rancor e o ar de zangado, *asfixiam* e limitam. As nostalgias e comparações, destroem e isolam.

No entanto, as crises são normais num casal. São o sinal de que algo deve mudar. Os esposos esforçar-se-ão por preservar a sua relação, decidir o que se deve fazer ou dizer, para que o amor ressurgja, cresça e se consolide. Porão os meios para criar um ambiente de segurança e de confiança, porque nada há pior do que “a indiferença”<sup>[21]</sup> e, sobretudo, apoiar-se-ão na ajuda divina, que não lhes faltará, pois contam com a graça específica do sacramento do Matrimónio.

Além disso, terão de proporcionar o toque positivo, a pincelada maravilhosa, imprescindível, dar-se sem medida, amar antes de atuar, entregando-se ao Senhor. Verão o outro, como caminho para a sua santificação pessoal, aprofundando a fé: a fim de amar mais e melhor.

*Pascale Laugier*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1604

[2] Cfr. *Gn* 1, 26-27

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1603

[4] San Josemaría, *Es Cristo que pasa*, n. 23

[5] *Catecismo de la Iglesia Católica*, n. 1604

[6] Concilio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 24

- [7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1608
- [8] *Catecismo da Igreja Católica* n. 1615
- [9] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1643. Remete para S. João Paulo II, Exort. Ap. *Familiaris consortio*, n. 13, 22-XI-1981: AAS 74 (1982) 96.
- [10] *Catecismo da Igreja Católica*, n., n. 1647
- [11] *Catecismo da Igreja Católica*, n., n. 2366
- [12] *Catecismo da Igreja Católica*, n., n. 2367
- [13] *Ibidem*.
- [14] Concilio Vaticano II , *Gaudium et Spes*, n. 49
- [15] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1642
- [16] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*,, n. 93
- [17] S. Josemaria, *Sulco*, n. 797
- [18] *Jn* 10, 17-18
- [19] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 23
- [20] S. Josemaria, *Temas Atuais do Cristianismo*, n. 91
- [21] Papa Francisco, *Mensagem para a Quaresma 2015*

## A intimidade no matrimónio: felicidade para os esposos e abertura à vida (I)

O amor é a vocação fundamental inata da pessoa humana como imagem de Deus[1]; e o matrimónio é um dos modos específicos de realizar integralmente essa vocação da pessoa humana para o amor. Por isso mesmo, é o canal para a realização pessoal dos esposos.

### **O amor é a vocação fundamental inata da pessoa humana como imagem de Deus**

“O amor humano e os deveres conjugais – dizia S. Josemaría referindo-se aos casados – são parte da vocação divina”[2]; também, noutra ocasião, recordava-lhes “que não hão-de ter medo a expressar o carinho: pelo contrário, porque essa inclinação é a base da sua vida familiar”[3].

É claro, no entanto, que qualquer forma de relação entre os esposos não serve como expressão do amor humano, nem sequer – neste caso – do amor conjugal. Cumpre tão só essa função aquela forma de se relacionarem que, como consequência da recíproca doação pessoal surgida da aliança matrimonial, e por isso, sendo própria dos esposos, recebe o nome de amor conjugal. O pacto conjugal cria entre os esposos um modo específico de ser, de se amarem, de conviver e de procriar: o conjugal, que se expressa numa multidão de atos e comportamentos do acontecer íntimo quotidiano.

### **A sexualidade humana é parte integrante da capacidade de amar concreta que o ser humano tem por ser imagem de Deus**

A pessoa humana, em abstrato, não existe, senão a pessoa sexuada; porque a sexualidade é constitutiva do ser humano. “A sexualidade abraça todos os aspetos da pessoa humana, na unidade do seu corpo e da sua alma. Diz respeito, particularmente, à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e, de maneira mais geral, à aptidão para estabelecer vínculos de comunhão com outro”[4]. A sexualidade é inseparável da pessoa; não é um simples atributo, um dado mais. É um modo próprio de ser. É a própria pessoa que sente e se expressa através da sexualidade. O amado, no amor conjugal, é a pessoa inteira do outro, enquanto e porquanto é homem ou mulher.

Tanto o homem como a mulher são imagem de Deus como pessoa humana sexuada. “E como todos sabemos, a diferença sexual está presente em muitas formas de vida, na longa série dos seres vivos. Mas só no homem e na mulher essa diferença leva em si a imagem e a semelhança de Deus: o texto bíblico repete-o três vezes em dois versículos (26-27): homem e mulher são imagem e semelhança de Deus. Isto diz-nos que, não só o homem na sua individualidade é imagem de Deus, não só a mulher na sua individualidade é imagem de Deus, mas também o homem e a mulher, como casal, são imagem de Deus. A diferença entre homem e mulher não é para a contraposição, ou subordinação, mas para a comunhão e a geração, sempre à imagem e semelhança de Deus”[5].

### **Os esposos respondem à vocação para o amor na medida em que as suas relações recíprocas se podem descrever como amor conjugal**

É necessário, por isso, identificar adequadamente, o que é, e que exigências traz consigo, o amor conjugal. De acertar ou não na resposta vai depender a felicidade dos esposos. Quais são as notas e as exigências características do amor conjugal? O amor conjugal é um amor plenamente humano, total, fiel, exclusivo e fecundo[6].

a. *O amor conjugal é um amor plenamente humano e total.* Tem de abarcar a pessoa dos esposos em todos os seus níveis: corpo e espírito, sentimentos e vontade, etc. É um amor de entrega em que o

desejo humano, que compreende também o “eros”, se dirige à formação de uma comunhão de pessoas. Não seria conjugal o amor que excluísse a sexualidade ou que, no outro extremo, a considerasse como um mero instrumento de prazer. Os esposos devem compartilhar tudo sem reservas e cálculos egoístas, amando cada um o seu consorte não pelo que dele recebe, mas por si mesmo. Não é, pois, amor autenticamente humano e conjugal aquele que teme dar tudo quanto tem e dar-se totalmente a si mesmo, o que só pensa em si, ou mesmo o que pensa mais em si do que na outra pessoa.

b. *Um amor fiel e exclusivo.* Se o amor conjugal é total e definitivo, deve ter também como característica necessária a exclusividade e a fidelidade. “A união íntima, prevista pelo Criador, por ser doação mútua de duas pessoas, homem e mulher, exige a plena fidelidade dos esposos e impõe a sua indissolúvel unidade”[7]. A fidelidade não só é conatural ao matrimónio mas também manancial de felicidade profunda e duradoura. Positivamente, a fidelidade comporta a doação recíproca sem reservas nem condições; negativamente, implica que se exclua qualquer intromissão de terceiras pessoas – e, isto, a todos os níveis: por pensamentos, palavras e obras – na relação conjugal.

c. *E um amor fecundo, aberto à vida.* O amor conjugal está orientado para se prolongar em novas vidas; não se esgota nos esposos. A tendência para a procriação pertence à natureza da sexualidade. Em consequência, a abertura à fecundidade é uma exigência da verdade do amor matrimonial e um critério da sua autenticidade. Os filhos são, sem dúvida, o dom mais excelente do matrimónio e contribuem sobremaneira para o bem dos próprios pais (outra coisa diferente é que, de facto, surjam ou não novas vidas).

Estas características do amor são inseparáveis: se faltasse uma delas, tão-pouco se verificariam as outras. São aspetos da mesma realidade.

### **O amor conjugal: dom e tarefa**

O amor dos esposos é dom e derivação do próprio amor criador e redentor de Deus. O sacramento do matrimónio, concedido aos esposos como dom e como graça, é uma expressão do projeto de Deus para os homens e do seu poder salvífico, capaz de os levar até à realização plena do seu desígnio. Além de ser um dom, o matrimónio implica uma tarefa do homem e da mulher; uma tarefa que exige a liberdade e a responsabilidade, e a fé.

O amor conjugal não se esgota num só ato, mas expressa-se através de uma multidão de obras diárias grandes ou pequenas. É uma disposição estável (um hábito) da pessoa e, ao mesmo tempo, uma tarefa. O amor conjugal é exigente e está chamado a cultivar-se. Como virtude, os esposos hão-de construí-lo constantemente, conforme as circunstâncias de cada um deles e dos esforços e desânimos de cada dia.

“O segredo da felicidade conjugal está no quotidiano, não em sonhos. Está em encontrar a alegria escondida que dá a chegada ao lar; no trato carinhoso com os filhos; no trabalho de todos os dias, em que colabora a família inteira; no bom humor face às dificuldades, que é necessário enfrentar com desportivismo”[8].

A felicidade conjugal não é possível se a relação não se cultiva e não se cuida dia a dia, através de factos concretos de amor – expressados em palavras, em gestos de ternura, em detalhes de carinho, em atos de generosidade, de confiança, de sinceridade, de cooperação, etc. – que tornam realidade o mútuo compromisso de viver no amor (en-amor-dados).

*Javier Escrivá Ivars*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] cfr. *Gn* 1, 27

[2] *Temas actuais do cristianismo*, 91.

[3] *Cristo que passa*, 25.

[4] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2332.

[5] Papa Francisco, Audiência 15-IV-2015.

[6] cfr. *Humanae vitae*, 9.

[7] Concilio Vaticano II, Const. *Gaudium et spes*, 48, 49 e 50. Não há que ver a fidelidade apenas como uma resposta a um compromisso adquirido, mas, sobretudo, como a lógica consequência que deriva do amor total, da recíproca doação pessoal sem reservas nem limites. Um amor com estas características não pode senão ser exclusivo e para sempre.

[8] “...Pobre conceito tem do matrimónio – que é um sacramento, um ideal e uma vocação – quem pensa que o amor acaba quando começam as penas e os contratempos que a vida traz sempre consigo.” (S. Josemaría, *Temas actuais do cristianismo*, 91).

## A intimidade no matrimónio: felicidade para os esposos e abertura à vida (II)

O matrimónio, como união conjugal, ordena-se para a mútua ajuda interpessoal dos cônjuges e para a procriação, receção e educação dos filhos.

### **A expressão e perfeição do amor conjugal nos atos próprios dos esposos**

As forças instintivas, emocionais e racionais que se encontram presentes na dimensão sexual dos esposos ordenam-se e transformam-se em forças dignas da pessoa humana e do amor matrimonial, quando as características essenciais do amor e da união conjugais lhes presidem, no contexto de um amor indissolivelmente fiel e aberto à vida. No matrimónio, neste sentido, também se verifica uma escola da inclinação sexual em que não cabe a libertinagem.

O ato conjugal é o ato próprio e específico da vida matrimonial. É o modo típico com que os esposos se expressam como “uma só carne”<sup>[1]</sup> e chegam a conhecer-se mutuamente na sua condição específica de esposos. É o ato em que os cônjuges comunicam, de facto, entre si a mútua doação que confirmaram por palavra ao contrair matrimónio; é a linguagem com que os esposos se dizem mutuamente: ‘eu amo-te incondicionalmente, fielmente, para sempre e com todo o meu ser. Estou comprometido a formar contigo uma família’.

A união sexual é um ato de entrega e, por isso, é um gesto exclusivamente marital. Supõe o compromisso matrimonial prévio e a decisão real de expressar e realizar cada relação conjugal como um ato de verdadeira entrega, onde cada cônjuge procure primeiro e

sobretudo o bem e a satisfação do outro[2]. Nesse contexto, é normal e bom que dentro do matrimônio haja demonstrações do amor que os une e os faz felizes por estarem juntos. Estas demonstrações de amor são muito diversas e íntimas, são um dom de Deus e do cônjuge. Só por razões justas seria aceitável dentro da relação matrimonial prescindir deste tipo de união entre os esposos.

Mas a intimidade física é, não só um dos meios mais elevados de expressar amor e unidade, mas é também a forma como os filhos chegam ao lar familiar. “A união do homem e da mulher no matrimônio é uma maneira de imitar na carne a generosidade e a fecundidade do Criador”, por isso é formosa e sagrada[3]. Como espaço da ação criadora de Deus na transmissão da vida, a união dos esposos deve ser sinal do amor de Deus.

Por consequência, “os atos mediante os quais os esposos se unem íntima e castamente entre si são honestos e dignos, e se se levam a cabo de modo verdadeiramente humano, manifestam e fomentam a mútua doação e enriquecem os esposos com espírito de gozo e agradecimento”[4]. O ato conjugal não só é moralmente bom, como também, quando é presidido pela caridade, é santo e fonte de santificação para os casados[5]. É uma consequência imediata da doutrina do matrimônio como caminho de santidade. Neste contexto, S. Josemaría indicava: “O que o Senhor pede é que se respeitem mutuamente e que sejam mutuamente leais, que ajam com delicadeza, com naturalidade, com modéstia. Dir-lhes-ei também que as relações conjugais são dignas quando são prova de verdadeiro amor e, portanto, estão abertas à fecundidade, aos filhos”[6].

O ato conjugal servirá para a realização do bem dos cônjuges se é verdadeiramente conjugal; isto é, se é expressão da mútua doação, que, como elementos essenciais, comporta: a atitude de abertura à paternidade ou maternidade; o respeito pela pessoa do outro e o domínio dos próprios instintos, que se orientam de tal modo que o desejo não escraviza, mas deixa a liberdade necessária para poder doar-se ao outro. Esta é uma das razões pelas quais a castidade é um elemento necessário da verdade do amor conjugal[7].

## **A castidade: virtude dos enamorados**

A castidade, com palavras do Catecismo, é “*uma virtude moral e também um dom de Deus*”[8]. Uma virtude para cultivar e um dom que se nos oferece: é um dom e uma tarefa. A sexualidade no matrimônio deve ser vivida a partir da castidade. A castidade como virtude de estado implicará, no caso dos casados, atuar conforme a sua realidade vital: procurar o bem do cônjuge, praticar a fidelidade conjugal e estar abertos ao dom da vida.

Viver a castidade é viver o amor em plenitude[9]. Às vezes, os esposos podem ver a chamada a ser castos e puros como algo que limitaria o seu carinho: até onde podemos chegar? O que permite a Igreja, e o que é que proíbe? Mas a castidade no matrimônio não é um *não* a certas coisas. Se bem que exclua certos comportamentos que não são dignos, é sobretudo um *sim* radical, profundo e simples ao outro[10]. É o cuidado do amor único e exclusivo para com o outro.

A castidade não é menos prezo nem recusa da sexualidade ou do prazer sexual, mas força interior e espiritual que liberta a sexualidade dos elementos negativos( egoísmo, agressividade, atropelo, coisificação do outro, narcisismo, luxúria, violência... ) e promove-a à plenitude do amor autêntico. É a virtude que permiter senhorio ou domínio sobre esta dimensão humana[11].

A castidade implica uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana. A castidade conjugal permite aos esposos integrar os sentimentos, os afetos e as paixões num bem superior que os liberta do egoísmo e os capacita para amar verdadeiramente, respeitando-se mutuamente. Por outras palavras, a castidade é a valorização da sexualidade como afetividade comprometida, fiel, leal e respeitadora da situação de cada um[12].

### **Ajudar-se mutuamente: a intimidade conjugal**

Não poucas pessoas confundem a intimidade conjugal com as relações maritais, mas a verdadeira intimidade é muito mais do que isso; é essa relação que mantém forte e unida a relação dos esposos, é a união profunda entre duas pessoas que se amam[13]. A intimidade

conjugal exige e manifesta-se na entrega mútua e estende-se desde as diferenças, mesmo discussões, sobre os detalhes da vida diária, aos instantes em que se confiam os sentimentos mais íntimos, aqueles que não compartilhariam com ninguém mais. Para que exista essa intimidade, os esposos devem criar conjuntamente uma ponte de união profunda – formada por pilares de conhecimento mútuo, de confiança, de diálogo, de generosidade, de respeito, de admiração, de compreensão, de atração física, de ternura, de sentido de humor, de proximidade, etc. – que é possível cruzar quando há dois seres que se desejam e se amam incondicionalmente.

Os esposos que vivem essa intimidade com generosidade procuram uma união mais completa e profunda de todo o seu ser, dos seus corpos, das suas mentes e dos seus espíritos. Ambos os cônjuges têm esse desejo de cumplicidade, de se conhecerem e de se entregarem mutuamente. Estes esposos compartilham paixão, sentimentos e emoções, fazem planos e tomam decisões juntos; em poucas palavras, têm uma vida em comum, essa vida é dos dois, algo que os torna únicos, que torna única a sua relação matrimonial. Essa intimidade conjugal transcende os cônjuges e leva-os a formar uma família em que se dá a abertura à vida e se procura também ser fecundos socialmente.

Todos os fins se entrecruzam uns nos outros e, se se querem conseguir plena e equilibradamente, há que procurá-los todos, conjunta e harmoniosamente, sem contradições artificiosas. Ao mesmo tempo, convém ter muito claro que a ajuda mútua não é um meio para a obtenção de outros fins, mas um fim em si mesmo. Esposo e esposa não somente se complementam e ajudam quanto à geração e educação dos filhos que haja; também se complementam para si mesmos, dado que cada um é o bem do outro.

Para o cristão o matrimónio não é uma simples instituição social e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica vocação sobrenatural.... Os casados estão chamados a santificar o seu matrimónio e a santificar-se nessa união: cometeriam, por isso, um grave erro se edificassem a sua vida espiritual à margem do lar. A vida familiar, as relações conjugais, o cuidado e a educação dos filhos, o esforço por sustentar, manter e

melhorar economicamente a família, as relações com as outras pessoas que constituem a comunidade social, tudo isso são situações humanas e correntes que os esposos cristãos devem sobrenaturalizar”[14].

*Javier Escrivá Ivars*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] Cfr. *Gn* 2, 24.

[2] Daí que qualquer ato contrário a essa fidelidade e exclusividade conjugal implique um atentado gravíssimo contra o ser próprio dos esposos.

[3] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2335.

[4] Concílio Vaticano II, Const. *Gaudium et Spes*, n. 49.

[5] Cfr. S. Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 184.

[6] *Cristo que passa*, n. 25. O mesmo há que dizer sobre o uso do matrimónio quando se sabe que, por causas alheias à vontade dos cônjuges, não tem lugar a procriação.

[7] Cfr. A. Sarmiento, *El matrimonio cristiano*, p. 387.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2345. Além disso o *Catecismo* explica que: “A virtude da castidade faz parte da virtude cardial da temperança, que tende a impregnar de racionalidade as paixões e os apetites da sensibilidade humana” (n. 2341). Mas, em que consiste realmente a castidade? O *Catecismo* diz que: “A castidade significa a integração conseguida da sexualidade na pessoa e, por isso, na unidade interior do homem no seu ser corporal e espiritual” (n. 2337). Esta é uma virtude que se adquire através de “Uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana” (n. 2339).

[9] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2331-2391.

[10] Cfr. Pontifício Conselho para a Família, *Sexualidade humana: verdade e significado* (8-12-1995); Idem., *Vademecum para os confessores sobre algumas questões de moral conjugal* (12-02-1997).

[11] Não se trata de um exercício ascético de renúncia; na sua essência é um dom de Deus. Certamente supõe luta, como toda a virtude moral; mas é graça que o Espírito Santo concede no Batismo e no sacramento do matrimônio (cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2345). Daí a necessidade absoluta da oração humilde para pedir a Deus a virtude da castidade.

[12] “*Todo o batizado é chamado à castidade. O cristão ‘revestiu-se de Cristo’ (Ga 3, 27), modelo de toda a castidade. Todos os fiéis de Cristo são chamados a uma vida casta segundo o seu estado de vida particular. No momento do seu Batismo, o cristão compromete-se a dirigir a sua afetividade na castidade*” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2348)

[13] Cfr. Erich Fromm, *El arte de amar*.

[14] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 23.

## Amor conjugal e vida de piedade

Temos uma grande sorte porque o matrimônio não é coisa de dois, mas de três. Mas quem é o terceiro, estareis a pensar? Pois, além dos cônjuges há alguém ainda mais interessado em levar por diante o projeto de cada matrimônio, o projeto de santidade de cada cônjuge: Deus.

Jesus Cristo elevou o matrimônio natural à elevada categoria de sacramento, para dar uma graça especial a cada um dos esposos ao empreender este caminho apaixonante de formar uma nova ‘igreja doméstica’; e, além disso, não nos deixa sós, antes se *intrromete* na nossa vida e é como se nos dissesse: “Eu envolvo-Me em tudo o que é vosso, pequeno ou grande, permanente ou efêmero; percorrereis a minha senda, haverá tempos para tudo, estaremos em Nazaré, em Betânia... e no Calvário; mas não termina aí porque haverá também Ressurreição; mas, confiai, pois Eu estarei sempre convosco animando os vossos dias”.

Como dizia S. Josemaria: “O matrimônio está feito para que aqueles que o contraem se santifiquem nele e santifiquem através dele; para isso os cônjuges têm uma graça especial, que o sacramento instituído por Jesus Cristo confere. Quem é chamado ao estado matrimonial, encontra nesse estado – com a graça de Deus – tudo o que é necessário para ser santo, para se identificar cada dia mais com Jesus Cristo e para levar até ao Senhor as pessoas com quem convive”[1].

A vida conjugal é verdadeiro itinerário de santidade cristã e o *truque* que qualquer casal procura para conseguir a felicidade consiste em fazer a Sua vontade em cada situação e amar muito, muito, como Ele nos amou. Por isso numa família quando alguém está pendente dos outros é mais feliz, porque então os outros ocupam-se da sua felicidade e, é claro, Deus; Ele nunca falha.

Como nos disse o Papa Francisco na sua catequese sobre a família: “Deus confiou à família, não o cuidado de uma intimidade em si mesma, mas o emocionante desígnio de tornar o mundo ‘doméstico’. A família está no início, na base desta cultura mundial que nos salva; salva-nos de tantos, tantos ataques, tantas destruições, de tantas colonizações, como a do dinheiro ou como daquelas ideologias que tanto ameaçam o mundo. A família é a base para nos defender”[2].

Neste sentido, vale a pena recuperar o sentido do matrimónio sacramental. Não só como um evento festivo ou familiar – que o é – mas porque entendemos com profundidade o que vamos fazer; a recíproca entrega/aceitação das nossas pessoas na sua conjugalidade, participando do mistério de amor entre Cristo e a sua Igreja. Daí que a etapa de namoro ou noivado seja tão crucial para ir já pondo Deus no centro da nossa vida pessoal: que chegue a formar parte de um tu, de um eu e de um nós aberto aos filhos e a outras famílias. O homem não poderá retirar o melhor da mulher se não está próximo de Deus, e a mulher não poderá retirar o melhor do homem se não está próxima de Deus. Estar ou não próximo de Deus é a chave para a felicidade matrimonial.

A partir do nosso matrimónio também podemos ser – sem mérito algum da nossa parte – luz para os outros: luz que diga – sem dizer – que Deus está na nossa vida porque as coisas no nosso casamento e na nossa família, *com naturalidade se sobrenaturalizam*; não fazemos nada estranho: trabalhamos como os outros, saímos e distraímos-nos como os outros, rimo-nos como os outros, temos as inquietações próprias da nossa idade, sonhos, quimeras que talvez cumpramos ou talvez não. Mas procuramos pôr tudo nas mãos de Deus; esta é a diferença... e vivemo-lo com uma alegria profunda, porque se temos um filho com problemas, ou se parece que os filhos não aparecem, se há uma doença, choraremos como os outros, mas com os pés na terra e os olhos virados para o Céu.

“A caridade levará a partilhar as alegrias e os possíveis dissabores, – recorda-nos S. Josemaria – a saber sorrir, esquecendo-se das preocupações pessoais para atender os outros; a escutar o outro cônjuge ou os filhos, mostrando-lhes que são verdadeiramente

amados e compreendidos; a passar por alto pequenos atritos sem importância, que o egoísmo poderia transformar em montanhas; a fazer, com grande amor, os pequenos serviços de que se compõe a convivência diária.”[3].

Rezar juntos em família – respeitando a liberdade e a idade de cada um dos filhos. A fé transmite-se não se impõe – é algo que a tradição cristã recomenda pois, através dessas pequenas mas concretas práticas de piedade familiares, transmitiu-se a fé de geração em geração: rezar pela manhã – o oferecimento a Deus do nosso dia – o Angelus ao meio-dia e pela noite as três Ave-marias; invocar a Deus ao começar uma viagem; assistir juntos à Missa dominical; e talvez rezar o Terço em família, porque como se diz “a família que reza unida, permanece unida”. Entre essas práticas é muito familiar a bênção da mesa, como nos recorda *Laudato si'*: “Uma expressão desta atitude [contemplativa diante da criação] é deter-se a dar graças a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este valioso hábito e o vivam com profundidade. Esse momento da bênção, ainda que seja muito breve, recorda-nos a nossa dependência de Deus para a vida, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, reconhece aqueles que com o seu trabalho proporcionam esses bens e reforça a solidariedade com os mais necessitados”[4].

Nós, esposos temos o dever conjugal, que prometemos no dia do nosso casamento, da ajuda mútua, e ajudar o outro é abrir-lhe um horizonte para que possa retirar o melhor, e claro, animá-lo a estar junto de Deus – sem pressionar, nem importunar indevidamente; porque o melhor e mais eficaz modo de atrair para Deus, o *compelle intrare*(Lc 14,23) do Evangelho, é amar e rezar pelo outro cônjuge e pelos filhos – porque o mais importante para cada um é levar o cônjuge para o Céu, mas ajudando-o a apreciar o bem por si próprio.

Há que respeitar os tempos de cada um, as possíveis crises, estando presente, acompanhando, rezando e não angustiando. Mas ao contrário também: respeitar o outro nos seus tempos de intimidade com Deus, mesmo que o outro os não partilhe, é algo que não entorpece o nosso casamento, antes o enriquece. É importante o respeito mútuo e ainda mais no que toca à consciência, que é o lugar

onde cada um abre a sua interioridade ao Senhor, o lugar onde a nossa liberdade elabora as decisões mais transcendentais da sua vida. A intimidade com Deus é pessoal e cada um deve descobrir o seu pessoal caminho até Ele, que certamente passa pelo outro cônjuge; isto é muito enriquecedor para ambos.

Deus envolveu-Se conosco nesta aventura do casamento, porque lhe apeteceu, porque nos ama de modo carinhoso e deseja a nossa felicidade e porque quer que sejamos luz para os outros e que formemos uma autêntica 'Igreja doméstica' com os nossos filhos. "Na medida em que a família cristã acolhe o Evangelho e amadurece na fé, faz-se comunidade evangelizadora (...). Esta missão apostólica da família está enraizada no Batismo e recebe com a graça sacramental do matrimônio uma nova força para transmitir a fé, para santificar e transformar a sociedade atual segundo o plano de Deus"[5]. Que grande é a missão a que Deus chamou os esposos e que pôs nas suas mãos! Que maravilhosa responsabilidade estar no surgir de uma sociedade renovada pela caridade de Cristo e que imperiosa necessidade do Seu auxílio!

*Rosamaría Aguilar*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] S. Josemaria, *Temas atuais do cristianismo*, n. 91.

[2] Papa Francisco, Audiência 16/09/2015.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 23.

[4] Papa Francisco, enc. *Laudato si'*, n. 227.

[5] S. João Paulo II, exhort. apost. *Familiaris consortio*, n. 52.

## O bem dos filhos: a paternidade responsável (I)

Ao defender que quem não vive como pensa acaba a pensar como vive, a sabedoria popular não diz tudo e nem sequer o mais importante.

### **Nada mais prático do que uma boa teoria**

Porque se é verdade que quem não luta por corrigir uma conduta equivocada acaba com frequência por deitar mão a uma teoria que a justifique, não é menos certo que um conhecimento adequado das realidades fundamentais constitui a melhor e mais permanente ajuda para um reto comportamento.

Entre essas verdades, nenhuma influi tanto na conduta como a compreensão profunda de que qualquer mulher ou homem é *pessoa*. E nenhuma determina tão eficazmente a atitude dos cônjuges entre si e a respeito dos seus filhos.

Por isso, a consideração pausada do que traz consigo ser *pessoa*, longe de nos afastar da prática educativa, introduz-nos no seu próprio cerne, ao mesmo tempo que ilumina, a partir de dentro, o sentido mais profundo da *paternidade responsável*.

### **Pessoa e filho de Deus**

A revelação da condição pessoal, unida historicamente à difusão do cristianismo, intui-se em toda a sua grandeza ao descobri-la como resposta a uma só e decisiva pergunta: Qual não será o valor de cada homem se o Verbo de Deus decidiu encarnar e morrer na Cruz para lhe devolver a possibilidade de gozar d'Ele e com Ele por toda a eternidade?

A verdade era tão inegável como sublime e espantosa. E as suas consequências práticas tão profundas e quotidianas, que os primeiros a vislumbrá-la temeram não estar à altura de tanta maravilha e esquecer, sequer por um momento, a impressionante grandeza de quantos os rodeavam.

Quiseram assegurar então que o próprio vocábulo com que a eles se referissem trouxesse à sua mente o valor quase infinito de qualquer homem ou mulher, de “cada um de todos”.

Isso é exactamente o que indica a palavra *pessoa*, utilizada desde então para os designar: a magnitude indescritível e a absoluta e insubstituível singularidade de todo o ser humano, correlativa, nos domínios da graça, à condição de *filhos de Deus*.

### **Seguindo uma pauta divina**

A filosofia e a teologia validam o que os homens de boa vontade intuem e qualquer cristão sabe com certeza: a única coisa que pode mover Deus a criar é o bem das criaturas a quem pensa dar o ser e, em particular, das pessoas; Ele nada *ganha* ao criar-nos, dado que o seu Bem é infinito e não admite incremento.

Com palavras mais claras: cada um dos seres humanos é fruto direto do infinito Amor de Deus que quer o melhor para ele.

E como nada há melhor do que o próprio Deus, Deus cria o homem à sua imagem e semelhança — torna-o capaz de O conhecer e de O amar — e, elevando-o à ordem da graça, destina-o a unir-se definitivamente a Ele, introduzindo-o na sua própria Vida, num diálogo eterno e poderosamente unitivo de conhecimento e amor.

Para se referir a essa condição final do ser humano, Tomás de Aquino utiliza expressões tão audazes como profundas: os homens são chamados a “alcançar” ou a “tocar” a Deus (*atingere Deum*), transformando-se em “deuses” por participação (*participative dii*).

Se Deus pode descrever-se como um Ato infinito e perfeito de Amor de Deus, seremos inteiramente semelhantes a Ele quando, no final, levados pela sua graça, todo o nosso ser se resume e transforma num também perpétuo e gozoso ato... de amor de Deus.

*Deuses* por participação, esse é o nosso destino e o mais soberano índice da nossa grandeza.

### **Como “responder” à grandeza dos nossos filhos**

Sobre essa convicção se constrói e continua a assentar o melhor da nossa civilização; e sobre a mesma base, enriquecida e tornada eficaz mediante o diálogo com Deus, deve edificar-se a relação dos cônjuges entre si e com cada filho.

Sempre e em qualquer circunstância, ao referirem-se aos filhos, um pai e uma mãe devem considerar que se encontram diante de uma *pessoa* e que, com a sua própria atitude e maneira de agir, devem *responder* à grandeza dessa índole pessoal.

Na sua aceção mais ampla e profunda, a paternidade *responsável* designa a qualidade do comportamento dos pais que *respondem* como pessoas à nobreza indescritível, e impossível de exagerar, dos filhos que também são pessoas.

Para além do respeito genérico, e mesmo da veneração e reverência, essa resposta só fica adequadamente expressa com uma palavra, *amor*, entendido fortemente como a busca coerente e decidida do bem do ser querido.

### **Cooperadores de Deus**

A vida na terra, então, mais do que como uma “prova”, deve conceber-se como a grande oportunidade que Deus oferece para incrementar a nossa capacidade de amar, de modo que vamos sendo mais felizes já neste mundo e que, ao concluir a nossa existência temporal, tendo dilatado as fronteiras do nosso coração, nos “caiba” mais Deus na alma e gozemos mais d’Ele por toda a eternidade.

E o pai e a mãe têm de colaborar com Deus nessa tarefa, de uma maneira muito particular, decorrente da sua condição de pais.

O Modelo é, de novo, o próprio Deus. Se, para nos salvar, Jesus Cristo se “humilhou”, manifestando assim a infinitude do Amor divino, para educar — que não é, em suma, senão ensinar a amar — o pai e a mãe têm de saber também “desaparecer” em benefício de

cada filho. Quer dizer, os seus interesses, as suas capacidades, os seus desejos mais nobres não contam, então, senão na medida em que os sabem pôr sem reservas ao serviço do cumprimento do plano de Deus para cada filho.

Por outras palavras, na proporção exata em que ajudam cada um a descobrir esse desígnio — único, embora convergente com o de qualquer outro ser humano — e fomentam e apoiam a sua liberdade, para que saiba conduzir-se por si próprio até à plenitude do Amor que lhe deu o ser e que de novo o interpela para que livremente regresse a Ele.

### **Co-criadores responsáveis**

Esse direito/dever deriva, como dizia, da sua condição de pais. Como recorda também S. Tomás de Aquino, aqueles que foram a causa do surgir de uma realidade, devem constituir também o motor do seu desenvolvimento; podem e devem.

O filho não é senão a síntese do amor dos cônjuges entre si, unidos intimamente ao amor de Deus, que cria a alma. Cabe, pois, aos pais cooperar com Deus na educação de cada filho, como um direito inalienável, que ao mesmo tempo é um dever de que ninguém os pode dispensar, por serem realmente os seus pais, pela sua condição de co-criadores.

Deus bastava-Se para dar a vida a qualquer ser humano; não necessitava de nada nem de ninguém. Mas quis também agora assemelhar-nos a Ele nessa sua ação criadora, fruto do seu infinito Amor, elevando-nos, em certo sentido, à altura de co-criadores.

E fê-lo à sua maneira, tendo em conta a sua própria sublimidade e, por assim dizer, a grandeza do termo da sua ação criadora: cada pessoa humana, que exige ser tratada sempre com amor, mas muito particularmente no instante prodigioso em que inaugura a sua existência, que é condição de possibilidade de qualquer outro momento e situação.

Por isso, para levar a cabo a criação de cada nova pessoa humana, Deus procurou “algo” igualmente maravilhoso; se o infinito e todopoderoso Amor divino é o *Texto* que narra a entrada na vida do ser

humano e a realiza — a Palavra de Deus é infinitamente eficaz — o único *contexto* proporcionado a esse Amor sem medida teria que ser um também grandioso e extraordinário ato de amor.

Refiro-me, como é fácil de ver, ao ato maravilhoso com que se unem intimamente um homem e uma mulher que, por amor, se entregaram mutuamente e por toda a vida.

Como sugeri, este conjunto de verdades, normalmente um pouco esquecidas, constituem o âmbito e o horizonte imprescindíveis, onde se recorta a doutrina particular da paternidade responsável.

Aquilo que nela costuma afirmar-se — e que reservo para um posterior artigo — só acaba de se entender à luz da sublimidade de quem intervém mais diretamente na geração e desenvolvimento de toda a pessoa humana: Deus, o próprio filho, cada um dos seus pais.

Tomás Melendo

[Voltar ao índice](#)

## O bem dos filhos: a paternidade responsável (II)

O artigo precedente baseava-se na grandeza de qualquer pessoa e, em concreto, daquelas que mais intervêm no aparecimento e desenvolvimento do ser humano.

### **A pessoa do filho**

Agora, ao cingir o nosso tema à procriação, passa a primeiríssimo plano a realidade do *filho*, que habitualmente determina os diversos comportamentos a esse respeito.

E assim, na base da atitude incondicional a favor da vida humana, surge a capacidade de apreciar que o filho — pela sua sublime condição pessoal e à margem de qualquer outra circunstância — goza de um valor inestimável, de uma bondade constitutiva que nunca seria possível exagerar.

Analogamente, no repúdio de uma nova vida esconde-se, subtil e inconscientemente, a consideração — difusa mas operativa — de que o filho é um *mal*.

Um convencimento cuja enunciação explícita provoca espanto e recusa, mas fácil de compreender ao considerar os valores que dominam na nossa cultura.

### **O útil**

Um olhar atento ao real permite distinguir três tipos de bens ou, melhor, três aspetos ou dimensões do bem.

Os bens *úteis* são os de categoria inferior; têm a sua bondade *duplamente* fora de si: *na* realidade para a qual servem e, de maneira definitiva, *naqueles* que querem o que esses instrumentos tornam possível.

Daí que, sem sofrer a menor alteração, deixem de valer quando já não existe — ou quando ninguém quer — aquilo para que serviam, sem se alterar nem se deteriorar, a melhor das chaves de fendas perde toda a sua utilidade se desaparecem os objectos unidos por parafusos; e todo o dinheiro do mundo nada vale se ninguém está disposto a mexer um dedo em troca dele.

### **O gozoso ou agradável**

Os bens *deleitáveis* também gozam de uma bondade escassa, porque não a têm *em si*: em última instância, o seu valor depende de que alguém os queira e decida servir-se deles.

Por isso, a bondade daquilo que apenas é apreciado por causa do prazer ou do gozo que proporciona, desaparece enquanto ninguém quer desfrutar dela.

Ou seja, o útil e o agradável não são bons *em si e por si*. O seu valor reside nas pessoas que os procuram, em função das quais valem ou são bons: trata-se de uma bondade *relativa, dependente*.

### **O digno**

A pessoa, pelo contrário, é um bem *digno* ou *absoluto*. A sua bondade radica *em si* mesma, no seu *ser pessoa*, com total independência de qualquer circunstância, idade, sexo, saúde, comportamento, eficácia, posição social...

E assim deve ser querida e apreciada: por si mesma ou absolutamente, independentemente de qualquer outra condição.

Sem dúvida, os bens dignos podem gerar satisfação ou serem úteis, mas não é essa a sua bondade *fundamental* ou *primeira*. A amizade, por exemplo, é fonte de alegrias incomparáveis e produz benefícios múltiplos. Mas não é básica e radicalmente boa *pelo* prazer ou pelos serviços que gera, mas situa-se a anos-luz acima deles.

Poderia dizer-se que em si e por si é tão extraordinariamente boa, que *também* traz satisfações e benefícios, que nenhuma outra realidade pode proporcionar. Mas ter amigos *só* por essas vantagens

acrescentadas degrada ou prostitui a amizade: *relativiza-a*, esquecendo que a sua bondade é *absoluta*.

### **Uma cegueira generalizada**

No entanto, na nossa civilização, os bens relativos impuseram-se de tal modo que a própria noção de bem *digno* ou *absoluto* desapareceu.

Ano após ano, os meus alunos do primeiro ano de filosofia discutem se esta é ou não útil, para acabar por optar a favor da sua utilidade. A sua surpresa é grande quando lhes explico que, precisamente para manifestar a sua superioridade e nobreza, Aristóteles declara a filosofia radicalmente *inútil*, termo que, para me fazer entender, traduzo como *supra-útil*, procurando compensar a ausência de significado da palavra *digno*.

De maneira parecida, depois de lhes explicar detalhadamente que a filosofia não se subordina a um objetivo ulterior, que o filósofo só procura saber *pelo saber*, quase todos o *traduzem* afirmando que o filósofo conhece *pelo prazer* de saber.

Como muitos dos nossos contemporâneos, às vezes parecem incapazes de conceber o bom *em e por si*, e não em virtude do benefício ou satisfação que gera. Em tais circunstâncias, ao não poder compreendê-la, a bondade do *digno* “não existe”.

### **Gostas de ter filhos?**

A respeito da procriação, o problema surge quando, sem plena consciência, a bondade do filho tende a medir-se com os parâmetros dos bens inferiores, coisa bastante frequente.

Em intervenções públicas, ao comentar que tenho sete filhos, não é raro que algum dos que assistem me pergunte: «*Tu gostas* muito de crianças, não é?» Costumo fazer uma pausa, olhá-lo fixamente uns segundos e acrescentar em tom amável: «Gostar, gostar, do que verdadeiramente *gosto* é de presunto. Aos meus filhos, *amo-os* com toda a alma».

A reação costuma ser cordial e não me custa demasiado fazer-lhes entender que um filho — uma pessoa — nunca se deve converter numa questão de gostos, caprichos ou apetites.

E é que o *digno* está a anos-luz acima do *deleitável* e do *útil*. Em rigor, trata-se de bens incomensuráveis, que nunca deveriam ponderar-se na mesma balança. O digno justifica-se por si mesmo e por si mesmo deve querer-se; o útil e deleitável, não.

Em consequência, mais do que conhecer os critérios que regem a procriação responsável — que sem dúvida há que saber — hoje é imprescindível desenvolver a aptidão — frequentemente atrofiada ou inexistente — para captar com profundidade a bondade própria do filho. Advertir que, para o trazer ao mundo, não falta é necessária mais nenhuma razão do que a sua sublime grandeza; e que o que requer outros motivos, sérios e proporcionados, é *não* o procurar trazer.

### **Existem tais motivos?**

Para *impedir* a procriação ou *eliminar* o seu fruto, não. Sim, em certas ocasiões, para *deixar de pôr* os meios para que a procriação possa acontecer.

O filho constitui um bem absoluto, no sentido mais próprio do termo. Mas absoluto não equivale a *infinito*. E precisamente por causa da sua finitude, *sempre* traz consigo certos males, os derivados da necessidade de o atender, que poderiam ser considerados *normais*.

Diante deles, quando se ignora ou se desconhece a bondade absoluta da pessoa, o filho passa automaticamente a conceber-se como um *mal*. Mas, pelo mesmo motivo, sê-lo-ão também o cônjuge, os pais, os irmãos, os amigos...

Deparamos com a lógica tremendamente individualista de Sartre, para quem «o inferno são os outros», e a única resposta, o isolamento; ou seja, a solidão, o mais autêntico inferno.

A exclusão do digno desemboca inevitavelmente num paradoxo, num caminho cego, sem saída. Pelo contrário, o reconhecimento do

filho como bem absoluto, relativiza esses males inevitáveis e transforma-os em ocasião de crescimento pessoal.

### **Inconvenientes graves ou extraordinários**

São os que *põem em jogo* a outra ou outras pessoas: perigo sério para a mãe gestante ou para a subsistência da família, cargas que a saúde física ou psíquica dos pais aconselha não assumir...

Em tais circunstâncias, a situação muda... e também se deve modificar a atitude e o comportamento dos possíveis pais.

O critério de fundo é o que rege toda a atuação moral: faz o bem e evita o mal, com as exigências próprias de cada membro deste enunciado.

Fazer o bem constitui o mais básico, fundamental e alegre dever do ser humano. Mas ninguém está obrigado a realizar *todos* os bens que, em abstrato, pudesse realizar. Entre outros motivos porque, ao optar por um deles — uma profissão, um estado civil... — terá forçosamente que deixar para trás todos os bens alternativos que, em tais circunstâncias, poderia escolher e levar a cabo.

Pelo contrário, nunca está permitido *querer* positivamente um mal ou *impedir*, também mediante uma ação dirigida diretamente a isso, um bem. O imperativo de evitar o mal, com que se completa a faceta afirmativa da ética, não admite exceções.

### **De novo a bondade do filho**

Fizemos estas reflexões tendo em vista, sobretudo, a grandeza da pessoa dos filhos, que, como afirma o *Catecismo da Igreja católica* (núm. 1652), citando, por sua vez, o Vaticano II, “são o dom mais excelente do matrimónio e contribuem grandemente para o bem dos seus pais”.

Apoiados precisamente nessa bondade íntima e constitutiva, que não é possível exagerar, no que diz respeito à procriação convém distinguir dois comportamentos opostos, e conhecer o princípio que permite distingui-los.

a) Se existem causas proporcionadas, é moralmente lícito *não querer* fazer o necessário para haver uma nova concepção, ainda que nunca com intenção *anti* conceptiva, mas meramente *não* concetiva; por outras palavras, é permitido *deixar de* querer a procriação de um novo filho e *deixar de* atuar em favor dela.

b) Mas nunca será moralmente legítimo *pôr ativamente impedimentos* para que o filho chegue à vida (*anti* ou *contra* concepção), pois isso, equivaleria a *querer* positivamente um *mal* — que *não exista* a nova criatura — a agir em conformidade.

É a profunda diferença que separa a *anticoncepção* do uso adequado dos *métodos naturais*. Divergência que, apesar da habitual denominação, não é apenas, nem pouco mais ou menos, uma questão de métodos.

Ou seja, o critério de fundo continua a ser a *bondade absoluta* do filho. Quem por razões graves decide deixar de pôr os meios para uma nova concepção, tem de continuar a considerar o filho possível como um grande bem, mas que não procurarão em virtude da sua condição atual.

Não fazem nada positivo que se oponha à concepção, mas abstêm-se de pôr os meios para que um novo ser humano receba a existência. E se, à margem da sua vontade, Deus os abençoasse com outro filho, aceitá-lo-iam sem reservas, confiando na infinita Bondade e Omnipotência divinas.

### **As famílias numerosas**

Finalmente, a consideração da grandeza constitutiva de cada filho ajuda a entender, como também recorda o *Catecismo*, que “a sagrada Escritura e a prática tradicional da Igreja” vejam “as *famílias numerosas* como um sinal da bênção divina e da generosidade dos pais” (núm. 2373).

Certamente, existem casais a quem Deus concede poucos filhos ou aqueles a quem não confere descendência, pedindo-lhes então que encaminhem a sua capacidade conjunta de amar para o bem de outras pessoas; mas, também pelo que implica de generosidade, a criação e o cuidado de uma família numerosa, se tal for a vontade de

Deus, é uma garantia de felicidade e de eficácia sobrenatural (cf. *Cristo que passa*, n. 25).

Como afirmava Bento XVI e, talvez de maneira particular no momento presente, as famílias “com muitos filhos constituem um testemunho de fé, valentia e otimismo” (Audiência Geral, 2-XI-2005) e “dão um exemplo de generosidade e confiança em Deus” (Discurso, 18-I-2009); por sua vez, o papa Francisco exclamava: “dá alegria e esperança ver tantas famílias numerosas que acolhem os filhos como um verdadeiro dom de Deus” (Audiência geral, 21-01-2015).

Por outro lado, em bastantes ocasiões Deus abençoa a generosidade desses pais, suscitando entre os seus filhos decisões de entrega plena a Jesus Cristo e desejos de trazer também eles ao mundo numerosos filhos. São famílias que estão cheias de vitalidade humana e sobrenatural. Além disso, ao chegar à velhice, os pais ver-se-ão habitualmente rodeados do afeto dos seus filhos e dos filhos dos seus filhos.

*Tomás Melendo*

[Voltar ao índice](#)

## O matrimónio e o passar do tempo

É notório que a relação matrimonial viaja por diferentes etapas: desde os tempos do namoro, até ao amor de benevolência, passando pelo amor “maduro”; no entanto, a passagem do tempo, as circunstâncias pessoais de cada cônjuge, as dificuldades ou outros aspetos correntes da vida, não desfiguram a essência do vínculo matrimonial que tem origem no mútuo consentimento dos cônjuges manifestado legitimamente: “Do Matrimónio válido origina-se entre os cônjuges um vínculo de sua natureza perpétuo e exclusivo: no matrimónio cristão, além disso, são os cônjuges robustecidos e como que consagrados por um sacramento peculiar para os deveres e dignidade do seu estado”[1].

O consentimento inicial dos esposos é, portanto, essencial no matrimónio, é o elemento constitutivo; de tal modo que sem ele, não existe. É nesse “sim, quero”, manifestado reciprocamente e em liberdade, onde os esposos se *transformam* numa realidade nova, uma unidade na diferença pessoal. Ambos, por assim dizer, assumem uma aliança estável – o matrimónio – que é para toda a vida, que será o lugar onde cada um procure no bem e na felicidade do outro, a sua própria plenitude: só no matrimónio chegam a ser realmente uma só carne, uma só alma.

Desta união única, exclusiva, perpétua, surge a ajuda mútua que se concretiza no dia-a-dia dos cônjuges através de mil e um pormenores de ajuda, cuidado, interesse... Detalhes que abarcam desde o mais íntimo e espiritual até ao material: um “amo-te”, um sorriso, um obséquio em determinadas ocasiões, um “passar por alto pequenos atritos sem importância, que o egoísmo poderia transformar em montanhas; a fazer com grande amor os pequenos serviços de que se compõe a convivência diária”[2]. Quer dizer, um

*desdobrar-se* da pessoa para realizar a dádiva total e gratuita a que os esposos estão chamados.

A ajuda mútua, própria do amor de enamorados, que sempre procura mais, porque ama mais, dirige-se também a *contemplar o que é ainda potencialidade*. A esse respeito diz Viktor Frankl: “O amor é o único caminho para chegar ao mais profundo da personalidade de um homem. Ninguém é conhecedor da essência de outro ser humano se não o ama. Pelo ato espiritual do amor é-se capaz de contemplar os rasgos e traços essenciais da pessoa amada: até contemplar também o que ainda é potencialidade, o que ainda está por se revelar e mostrar. Mas há mais: mediante o amor, a pessoa que ama, possibilita ao amado a atualização das suas potencialidades ocultas. O que ama, vê mais além e impele o outro a realizar as suas inadvertidas capacidades pessoais”[3].

Os pormenores que alimentam a vida matrimonial e que não se devem descuidar com a passagem do tempo, acrescentam e purificam o amor. São o reflexo visível – e evidente, enquanto pessoas necessitadas das manifestações próprias do amor humano – da quantidade e qualidade do amor: do amor que pode *descobrir* as *potencialidades ocultas*. Não esqueçamos que o amor é um “atrevido”, é audaz, ousado e valente até à insensatez, para atingir o seu fim: tornar melhor a pessoa que ama.

As manifestações amorosas hão de ser acompanhadas de otimismo – outro nome da esperança cristã – entendido como a “capacidade de transformar os erros em *oportunidades* de aprendizagem e crescimento”[4]. Pois o crescimento, é a finalidade da aprendizagem, e isto em todos os aspetos da vida de uma pessoa.

Otimismo que há de ir acompanhado de boas maneiras; de agradecimento, que é uma forma de reconhecer no outro o bem que a sua presença e amor nos proporcionam; da capacidade de perdoar e de pedir perdão; de nos sabermos frágeis e dependentes e, portanto, necessitados do favor e da ajuda do outro. São dons da fidelidade matrimonial e *defesa* ante as vicissitudes inevitáveis da vida.

O Papa Francisco, numa das suas catequese sobre o matrimónio e a família propunha em três palavras uma proteção, não isenta de luta, contra o próprio egoísmo, um caminho para apoiar o

matrimônio. Essas palavras são: “ «com licença», «obrigado», «desculpa». Estas palavras realmente abrem o caminho para viver bem na família, para viver em paz. Trata-se de palavras simples, mas não tão fáceis de pôr em prática! Elas encerram em si uma grande força: o vigor de proteger o lar, até no meio de inúmeras dificuldades e provações; ao contrário, a sua falta abre fendas gradualmente, que até o podem fazer ruir”[5].

E o Papa continua: “a primeira palavra é «com licença». Quando nos preocupamos em pedir gentilmente até aquilo que talvez julgemos que podemos pretender, construímos um verdadeiro baluarte para o espírito da convivência matrimonial e familiar. Entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. Em síntese, a confiança não autoriza a presumir tudo. E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração”[6].

Em relação à segunda palavra, *obrigado*, diz o Papa: “Certas vezes, pensamos espontaneamente que estamos a tornar-nos uma civilização malcriada, de palavrões, como se eles fossem um sinal de emancipação. Ouvimo-los com frequência, inclusive publicamente. A gentileza e a capacidade de agradecer são vistas como um sinal de debilidade, e às vezes até chegam a suscitar desconfiança.

Esta tendência deve ser evitada no próprio coração da família. Devemos tornar-nos intransigentes sobre a educação para a gratidão e o reconhecimento: a dignidade da pessoa e a justiça social passam ambas por aqui. Se a vida familiar ignorar este estilo, também a vida social o perderá”[7].

Finalmente, em referência ao «desculpa»: certamente, é uma palavra difícil, e no entanto é deveras necessária. Quando ela falta, pequenas fendas se alargam – mesmo sem querer – até se tornarem fossos profundos.

“Se não soubermos pedir desculpa, quer dizer que também não seremos capazes de perdoar. No lar onde as pessoas não pedem desculpa, começa a faltar o ar e a água estagna-se. Muitas feridas dos

afetos, muitas dilacerações nas famílias começam com a perda deste vocábulo precioso: *Desculpa*”[8].

Em jeito de conclusão, diz o Papa: “A família vive desta delicadeza do bem-querer”.

No dia-a-dia do convívio conjugal e familiar pode ser fácil perder as formas, por muitos motivos: cansaço, pressas, dificuldades, um trabalho profissional muito exigente em dedicação e resultados, preocupações pelos filhos, etc.; no entanto, não podemos esquecer que *o outro, a outra* a quem nos dirigimos é a pessoa que um dia livremente escolhemos, para percorrer juntos, o caminho da vida, e a quem nos entregámos por amor.

### **Evocar o passado, esperar o futuro**

Ao longo da existência em comum, há altos e baixos, inevitáveis mas superáveis. É, então, importante, evocar *o passado*, o momento daquele primeiro encontro único e da eleição da pessoa, que nos parecia ao princípio excecional e única, com quem compartilho os meus dias. Trata-se de um exercício imprescindível da memória afetiva, que atualiza o carinho: porque convém, porque faz bem ao amor entendido como ato da inteligência, da vontade e dos afetos; e então recordamos (voltamos a colocar, com sumo cuidado, no coração) todas aquelas características únicas – também os defeitos e as limitações – que nos levaram a comprometer-nos, a amar “para sempre”.

Também observamos e vivemos *o presente* com a disposição de sermos nós mesmos, e fazermos o outro cada dia melhor, com o entusiasmo renovado de reafirmar o amor, para fortalecer a união.

E *o futuro*, que nos desafia com a sua incerteza, ao mesmo tempo que nos anima com a esperança de que tudo no nosso caminhar terreno tem como fim a felicidade plena no Céu, com a certeza de que – como dizia S. Josemaria – o caminho de ir para o Céu chama-se... (o nome da mulher, ou para ela, o do marido).

Em relação a esta frase do fundador do Opus Dei, refere Marta Brancatisano: “uma frase simples como esta, dirigida a jovens esposos e pais, tem, apesar do tom aparentemente romântico, uma

profundidade e um sentido inovadores que convidam a reflexões que dificilmente se esgotam. Com essa afirmação, Josemaria Escrivá ultrapassa a ideia que considera os deveres conjugais como algo marginal no que concerne aos deveres para com Deus. Essas palavras são o começo de uma sobreposição sistemática da relação com Deus e com o cônjuge, no sentido de não se poder admitir a hipótese de uma vida cristã plena *a latere* da vida conjugal; em certo sentido, Deus não é senão o cônjuge: não espera fora de casa ou fora do leito matrimonial.

Esta perspectiva lança uma luz nova sobre o matrimônio, sobre o amor humano e sobre a transmissão da vida. Não pressupõe normas novas, mas antes um novo espírito para viver e compreender o valor da vida matrimonial. Desperta a responsabilidade pessoal dos esposos, chamados a saírem do anonimato e serem atores de um história fundamental e insubstituível no plano da Providência, como primeira célula de amor e de vida que revela o rosto do Criador”[9].

Tal é a transcendência do amor humano vivido em plenitude, sem nos reservarmos nada, porque sabemos que “no ocaso da nossa vida seremos julgados pelo amor”, como dizia S. João da Cruz.

A vida conjugal está chamada a adquirir *matizes* insuspeitados, que levam a dar prioridade ao matrimônio acima de quaisquer outras circunstâncias ou realidades, enquanto vocação específica – humana e sobrenatural – para cada um dos chamados a esse estado. Para descobrir tais matizes é necessário não só o amor, mas também o bom humor: perante os erros que nos afastam de uma pretendida e, ao mesmo tempo, inalcançável perfeição; perante as situações adversas ou os pequenos despistes; ou quando as coisas não saem como as tínhamos planeado... saber rir-se de si mesmo, aceitar a crítica construtiva, com agradecimento e simpatia, ajudam a não cair no *orgulho ferido*, que tanto mal faz a qualquer relação, seja de amizade, filial ou conjugal.

Bom humor também, como fonte de alegria, para nos sabermos alegrar no outro e com o outro: “quando se reconhece o amor como o principal âmbito de doação intersubjetiva – dar o melhor de si – o amor adquire imediatamente a força e a beleza do que é sagrado. E esse amor é lúdico, é fonte de satisfação. Só na doação do amor, o ser

humano é capaz de pronunciar um *tu* cheio de sentido. Um *tu* que designa o núcleo mais sagrado e íntimo da pessoa amada”[10].

Uma alegria que é possível em todos os momentos e circunstâncias da vida, mesmo naqueles tão dolorosos que nos impedem sorrir e contemplar o belo, ou apreciar a bondade como uma realidade omnipresente. Na dor manifesta-se a verdade do amor. Como gostava de dizer S. Josemaria: “não esqueças que a Dor é a pedra de toque do Amor”[11].

Todos os atributos da ajuda mútua, o valor dos pequenos e grandes detalhes, a *delicadeza do bem-querer*, que refere o Papa Francisco, o otimismo e o sentido de humor, tudo sem exceção, contribui para tornar patente a maravilha e o assombro perante o outro. Aí está a grandeza e a beleza do amor conjugal, que resulta diretamente no bem dos filhos.

Muitas vezes se disse que “se o matrimónio está bem, os filhos estão bem”. Pode defender-se que aquilo que os filhos mais querem é *ver o amor* – porque o sentem, o notam – que os seus pais têm entre si: saberem-se seguros, parte de um projeto familiar estável, onde cada um tem o seu lugar e é querido incondicionalmente pelo facto de ser *filho*. O amor está na base de todo o processo educativo seja ele familiar ou académico. Por isso, é compreensível que o primeiro ato educativo para cada filho seja o amor entre os seus pais.

“Ninguém dá o que não tem”, significa que se não tenho amor, não posso dar amor; mas tão-pouco o posso exigir, e uma educação sem amor despersonaliza, pois não alcança o núcleo central, constitutivo da pessoa. O amor *entre* os pais é *original* – é anterior, é fonte, vai sempre à frente – e *originário* do filho, procriador ou, dito com ousadia: cocriador. Por isso, o amor *dos* pais, também é originário *para* o filho, porque põe nele – a partir de dentro, constitutivamente – a capacidade de amar, que é a raiz da sua *originalidade*, dessa nova personalidade que veio à existência e se mostrará, criativamente, na sua biografia.

Fomos criados para nos darmos e, de uma maneira especialíssima, os pais estão chamados a mostrar amor aos filhos. Amor que se expressa, entre outros aspetos: na abertura à vida, que torna possível gerar e educar os filhos, fim próprio do matrimónio;

nos cuidados para que cresçam sãos e seguros; em guiá-los e acompanhá-los na procura da felicidade, respeitando a sua liberdade que é uma das maiores manifestações do carinho.

Se falha o amor entre os esposos, quebra-se a ordem natural da entrega recíproca, que tem como *beneficiários* não só os cônjuges mas também os filhos. Toda a pessoa merece sentir-se amada com o amor que só os pais – homem e mulher – são capazes de dar e transmitir.

No dia de amanhã, os filhos serão chamados por Deus para formar uma família, ou para o celibato apostólico, ou para a vida religiosa; e serão, na maior parte dos casos, o que tenham visto nos seus pais. Educamos hoje não tanto médicos, engenheiros ou advogados de amanhã, mas principalmente homens e mulheres, que um dia acolherão a vocação com que Deus os procure; e serão capazes de respeito, de amor, de generosidade e de entrega, na medida em que o tenham visto nos seus pais e vivido nas suas famílias.

Olhar o passado com agradecimento, o presente com determinação e o futuro com esperança, ajuda a viver a entrega com plenitude, aceitar a passagem do tempo no matrimónio com alegria, porque é o sinal de que o amor se desenvolveu de um modo harmónico: tornou possível a transformação, o crescimento e a entrega dos esposos; e tentou-se transmitir aos filhos, que não necessitam de prendas mas de carinho.

*Carolina Oquendo*

[Voltar ao índice](#)

\* \* \*

[1] *Catecismo da Igreja Católica*, 1638.

[2] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, n. 23.

[3] FRANKL, Viktor: *El hombre en busca de sentido*, Barcelona 2004.

[4] MAJERES, Kevin: “[Mindfulness as Practice for Purity](#)”.

[5] Papa Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.

- [6] Papa Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.
- [7] Papa Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.
- [8] Papa Francisco, *Audiência*, 13-V-2015.
- [9] BRANCATISANO, Marta: "O paraíso dos enamorados"
- [10] PIRFANO LAGUNA, Iñigo: *Ebrietas: El poder de la belleza*.  
Ed. Encuentro. Madrid, 2012.
- [11] S. Josemaria, *Caminho*, n. 439.

# Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2021

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)